

GERALDO FREIRE DE LIMA

conversas  
**REPETIDAS**



GERALDO FREIRE DE LIMA

conversas  
**REPETIDAS**



editora**ifrn**  
Natal, 2022

Presidente da República  
**Jair Messias Bolsonaro**

Ministro da Educação  
**Victor Godoy Veiga**

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica  
**Tomás Dias Sant'Ana**



**INSTITUTO FEDERAL**  
Rio Grande do Norte

Reitor

**José Arnóbio de Araújo Filho**

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

**Avelino Aldo de Lima Neto**

Coordenadora da Editora IFRN

**Gabriela Dalila Bezerra Raulino**

---

### Conselho Editorial

Emanuel Neto Alves de Oliveira  
Paulo Augusto de Lima Filho  
Adriano Martinez Basso  
Ana Judite de Oliveira Medeiros  
Marcus Vinícius de Faria Oliveira  
Anna Cecília Chaves Gomes  
Alexandre da Costa Pereira  
Maria Kassimati Milanez  
Genildo Fonseca Pereira  
Cinthia Beatrice da Silva Telles  
Leonardo Alcântara Alves  
Maurício Sandro de Lima Mota  
Paula Nunes Chaves  
Miler Franco D Anjour  
Renato Samuel Barbosa de Araujo

Avelino Aldo de Lima Neto  
Rodrigo Luiz Silva Pessoa  
Francinaide de Lima Silva Nascimento  
José Everaldo Pereira  
Samuel de Carvalho Lima  
Amilde Martins da Fonseca  
Marcus Vinícius Duarte Sampaio  
Ana Lúcia Sarmiento Henrique  
Silvia Regina Pereira de Mendonça  
Diogo Pereira Bezerra  
Luciana Maria de Araújo Rabelo  
Cláudia Battestin  
Julie Thomas  
Maria Jalila Vieira de Figueirêdo Leite  
Raúl Humberto Velis Chávez

---

### Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:

Hanna Andreza Fernandes Sobral

### Revisão Linguística

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

---

### Proposta de Capa (baseada em foto):

Geraldo Freire de Lima

Prefixo editorial: Editora IFRN

Linha Editorial: Artístico-Literária

Disponível para *download* em:

**<http://memoria.ifrn.edu.br>**



---

### Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. Natal-RN.  
CEP: 59015-300.

Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: [editora@ifrn.edu.br](mailto:editora@ifrn.edu.br)

GERALDO FREIRE DE LIMA

conversas  
**REPETIDAS**



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

L732c	Lima, Geraldo Freire de Conversas repetidas [livro eletrônico] / Geraldo Freire de Lima – Dados eletrônicos. – Natal: IFRN, 2022. 143 p. ; PDF.
	ISBN: 978-85-8333-282-4
	1. Literatura brasileira – contos. 2. Contos brasileiros. I. Título.
IFRN/SIBi	CDU 82(81)-34

Divisão de Serviços Técnicos  
Catalogação da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária  
Iara Celly Gomes da Silva – CRB-15/315

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico  
para publicação  
pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de  
editoração científica.

# CONTOS

*Os personagens, as situações e os pensamentos contidos deste livro de contos são reais apenas na minha cabeça, muito em breve nas de vocês também; não se referem a pessoas e fatos concretos e não emitem opinião sobre eles.*

Para Kátia Regina, meu amor.  
Para Marlene e Aldomiro, meus genes.  
Para Felipe e Alexandre, meus filhos.  
Para Fagner e Grazielle, meus irmãos.

Para Isabela, Gabriele e Miguel, meus anjinhos.  
Para Suely, minha psicanalista.  
Para Januário e Isabel (*in memoriam*), que o cosmo  
os receba.  
Para Rubem Fonseca, presença incomensurável.  
Para toda a família.  
Para todos os amigos.

*"Pois o belo muda, o saber muda, a inteligência muda, a medida muda. Mas o desejo é inalterável."*

— RUBEM FONSECA

*"O grande acontecimento do século foi a ascensão espantosa e fulminante do idiota."*

— NELSON RODRIGUES



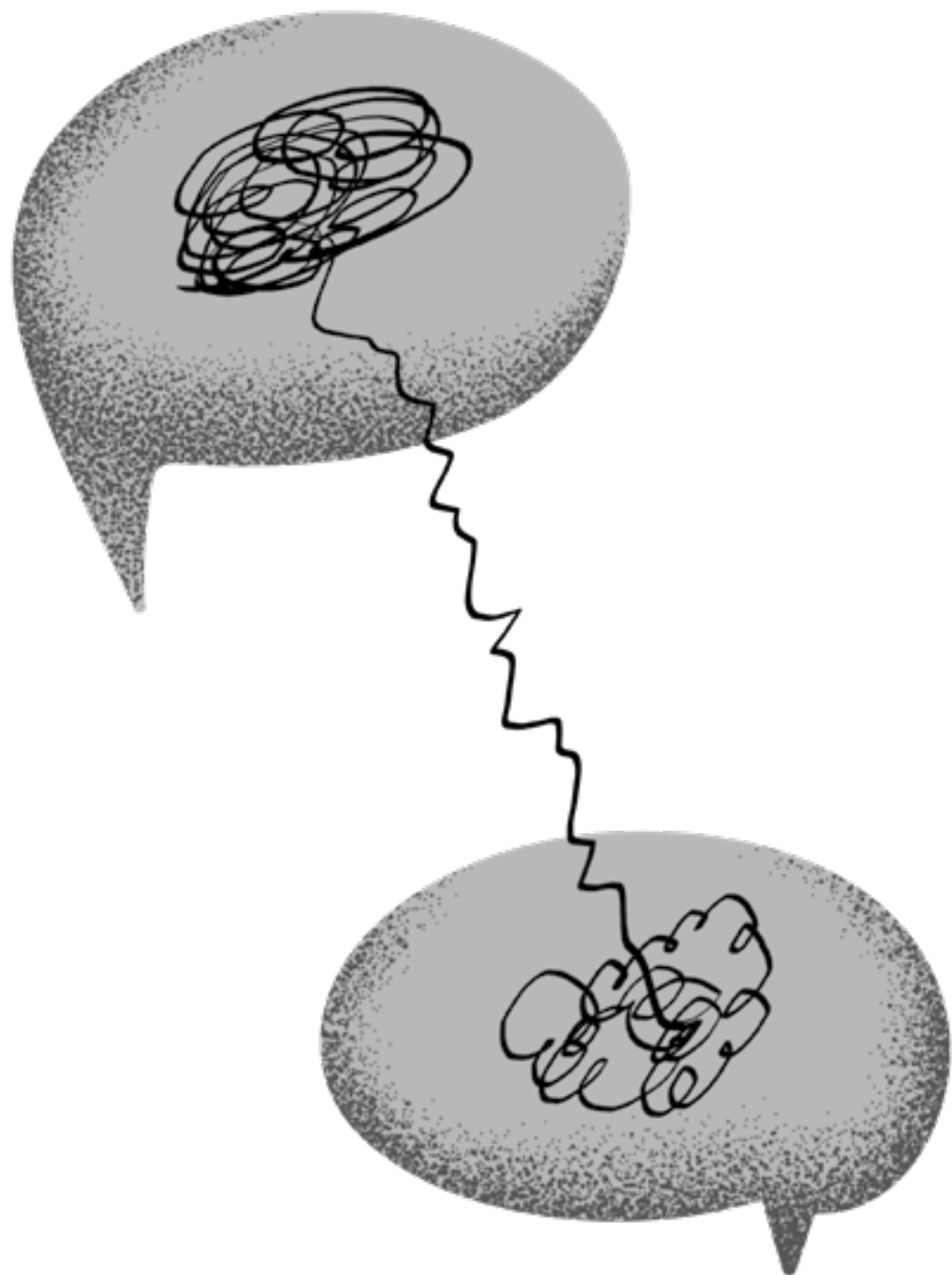
---

# SUMÁRIO

---

Prefácio .....	12
01   Conversas repetidas .....	16
02   Reprise .....	19
03   Carta 1 .....	22
04   Um beijo nunca é um beijo .....	27
05   Gordo em alta .....	32
06   A lista .....	38
07   Carta 2 .....	44
08   Luto do inimigo .....	48
09   Mais uma ótima ideia .....	51
10   Murmúrio .....	56
11   A palavra perdida .....	60
12   Carta 3 .....	66
13   A vida, ela não volta .....	69
14   A entrevista .....	72
15   Nossa parte da aliança .....	77

16	Naquele dia .....	82
17	Jussara .....	86
18	Carta 4 .....	90
19	Conto um romance .....	93
20	Um mero sorvete .....	97
21	A morte da morte .....	100
22	Degraus abaixo de mim mesmo .....	104
23	Carta 5 .....	107
24	Tia Naná .....	110
25	Colégio Brasil .....	116
26	Máscara do sono .....	119
27	Eu, canalha! .....	123
28	Carta 6 .....	127
29	O vigilante .....	134
30	A morte nossa de cada dia .....	141



# PREFÁCIO



O nosso tempo é o tempo da dispersão, da distração, do mundo que nos cobra potencialidades de gênios, mas nos fornece apetrechos de desleixados e nos rouba o momento. A falta de sentido é consumida como um significado em si mesmo. Somos da era do sujeito “dis-traído”, perturbados e entregues. Nesta era, qualquer lugar significa todos os lugares ao mesmo tempo, não há mais distinção tátil entre tempo e lugar, o tempo é o agora e o lugar é o agora também. E é lá-quando que escrevemos.

Neste livro de contos, reúno prosas que escrevi não sei onde e não sei quando. Algumas pertenciam ainda ao reino do papel, rabiscadas de sobressalto num canto qualquer, outras surgiram já no conforto dactilar de um computador, e muitas foram escritas, no todo ou em parte, no bloco de notas do aparelho celular. Não tenho do que reclamar. Algumas foram escritas na pressa criativa pelo medo do esquecimento, outras na calma de uma sala de espera de um consultório médico qualquer. Muitas maturaram,

outras se perderam. Algumas foram agora, outras, agora também. Algumas mostrei aos amigos, por *email*, pelo *whatsapp*, pelo *facebook*, nunca foram, por assim dizer, publicadas, mas, no fundo, muitas foram, e confesso que foi mais trabalhoso reuni-las que criá-las. O segredo morreu, e levou a verdade junto. Todas estão aí, em *bites*, algoritmos, arquivos, e agora, aqui. Antes precisávamos de luzes para ler, agora as luzes já são letras. Antes os livros ganhavam o mundo, agora o mundo nos devolve livros. A graça é replicar, e não dizer. Hoje poucos dizem.

Concordo com o poeta que sempre se pergunta de onde vem a inspiração para além daquilo que se vê e se vive. A inspiração vem de onde? Hoje eu afirmaria: a inspiração vem de lá-quando. Alguns desses escritos se aproximaram da realidade, outros mais ou menos, a maioria, contudo, passou bem longe. A única coisa em comum entre os textos desta obra é o autor, as narrações não conversam entre si. Ou conversam? Sei lá. Sinceramente não me atentei para a coerência do todo, e, mais sinceramente ainda, quando escrevo só tenho duas preocupações: ou tentar fazer rir ou tentar fazer chorar. Fazer pensar, pretensão demais, eu deixo para a filosofia.

Não há escrita caótica, caótico é o mundo, escrita é ordem, aspiração de ordem, e somos agora todos “dis-traídos”. Queria o surdo ouvir um ruído estranho qualquer. E como disse Rubem Fonseca, “a

literatura de ficção não acabou, o que está acabando é o leitor”. Espero que riam, e chorem, e leiam em qualquer lá-quando.

GERALDO FREIRE

*Parnamirim, 12 de novembro de 2021.*





# CONVERSAS REPETIDAS



Há duas classes de pessoas que sempre contam as mesmas histórias. Na verdade, são do mesmo tipo. A diferença é que você encontra uma de vez em quando, ou raramente, e a outra você encontra sempre, ou convive com ela. Mas ambas sempre contam as mesmas coisas. Fico me perguntando se isso é irrefletido, problema de memória, ou pura necessidade. Quem se repete o tempo interior percebe que se repete? Algumas possuem repertório pronto, um assunto puxa o outro, e os mesmos. Outras, do nada vão lá e soltam... os mesmos assuntos. E não adianta dizer: “acho que você já me disse isso...”, simplesmente elas não ouvem, a boca só para no fim da história, a mesma. Tudo bem que o ser humano tem a necessidade de reelaborar o passado, mas depois de cem vezes contando a mesma coisa, e da mesma ma-



neira, se nada foi reelaborado não é o meu ouvido que vai elaborar por ela.

Semana passada me deparei repetindo histórias para um amigo. Cheguei em casa apavorado, já tinha mesmo contado isso pra ele? Isso é inconsciente mesmo, ou contagioso! Será a idade? A questão é que depois disso fiquei paranoico, e agora antes de abrir a boca para dizer qualquer coisa eu fico me perguntando se já falei. Quando falo, fico observando os olhares. Será que aquele olhar significa: “acho que ele já contou isso?”; ou significa: “lá vem ele com essa história de novo?”

Quanto mais o tempo passa, mais calado estou me tornando, pelo pavor da repetição. Sei que a vida de ninguém é um mar de novidades, e nem toda novidade é boa ou digna de ser contada, mas a questão é que essa preocupação tomou grandes proporções dentro de mim. A única coisa que não passa é a vontade de falar, de contar algo. De falar o que penso, às vezes. Foi aí que comecei a escrever. Tudo que o que vocês lerão aqui são histórias que realmente fiquei em dúvida se já havia contado para alguém e, na dúvida, apenas escrevi. Minhas próprias palavras, ao menos, não podem me censurar. Se você ler mais de uma vez, aí já não é culpa minha...





# REPRISE



Dona Irani e suas quatro filhas. O ponto alto do dia daquela família era quando todas se juntavam diante da TV para assistir Lady Mulher. Uma novela que retratava a excepcional e dramática vida de Dona Margot, uma socialite em ascensão, independente, dona de uma agência de moda e cercada de várias funcionárias: assistentes, estilistas, atendentes, secretárias, copeiras, serventes etc. As roupas, o comportamento, as intrigas, os dizeres e bordões das secretárias eram uma atração à parte. Em pouco tempo, o sonho das três irmãs mais velhas era um dia ser secretária como elas. Cada uma tinha até sua secretária de preferência. “Eu quero ser a Mônica”; “E eu, a Priscila”; “Eu sou a Jéssica”. Dona Irani ria, gargalhava, se divertia com a novela e suas filhas. Até que um dia, lá pelo meio da novela, perguntou à Dandara, a mais nova, se ela também não queria ser secretária. Ela espontaneamente retrucou: “Deus me livre! Eu

quero ser como Dona Margot...”. Foi quando sua fala foi atravancada por um estalante bofete na cara. “Sua insolente! Como se atreve? Você não se enxer-ga?” E suas irmãs emendaram em coro: “Sua orgulhosa, vadia, ordinária, cachorra...”. Dandara correu para o quarto e daquele dia em diante nunca mais assistiu à Lady Mulher.

Nove anos depois, o canal reprisa a novela. Da recepção onde trabalhava, Dandara viu o anúncio na TV. Lembrou-se do bofete. Da sua mãe que já morrera, de infarto fulminante, no meio da sala vendo TV. Das três irmãs. Já casadas, com o triplo do peso, donas de casa, malvestidas e desdentadas, com dois filhos cada, e que apanham de seus respectivos maridos para acordar e para dormir. Nenhuma tornou-se secretária, mas com certeza assistirão à reprise de Lady Mulher.





# CARTA 1



**Estimado Sérgio Dolbin,**

É bem provável que você não se lembre mais de mim, aliás, tenho quase certeza. Mas não é culpa sua, realmente faz muito tempo que nos conhecemos, que nos vimos. Que nos amamos...

Se não fosse o contexto de vida no qual me encontro, talvez eu nunca teria te escrito, e com certeza minha pessoa não iria passar de uma ínfima lembrança oculta em sua memória, tipo aqueles personagens que aparecem nas primeiras páginas de um romance de quinhentas páginas e não são mais citados até o final. Mas como já disse, sou forçada a aparecer de novo em sua vida, pois é mais justo, para todos.

Não, não se trata de um engano. Nem do correio, nem meu. E tenho bons motivos para não ter te esquecido. O primeiro homem da minha vida foi você (e o único, pasme). Lembra das férias de verão de 1976? Onde você passou? Você tinha vinte anos, e

eu dezesete. Nos conhecemos lá mesmo, em Prainha. Você foi para a casa de uma família de um amigo seu e eu era nativa de lá. Nos conhecemos e ficamos juntos por uma semana dos quinze dias que você se hospedou lá, eu me lembro. Eu sei disso porque você mesmo me disse, e porque te vi antes de sermos apresentados. Te fitei antes. Me apaixonei antes. E nos amamos por uma semana. Não sou ingênua para crer que fui importante na sua vida, mas tenha certeza, você foi importantíssimo na minha. De lá pra cá, olho todos os dias para alguém que não me deixa te esquecer. A minha filha. A nossa filha. E te garanto, ela é a sua cara.

Naquela noite de verão, de 1976, perdi uma coisa e ganhei duas outras. Perdi minha virgindade, com você, e ganhei minha filha e minha liberdade. Dois meses depois que você foi embora, quando me certifiquei da minha gravidez, fui embora de lá, fugi. Depois disso só fui rever o que sobrou da minha família recentemente e, mesmo assim, também pela força das circunstâncias. Mais de trinta anos depois.

Naquela época, num lugar como aquele, a castidade de uma mocinha, como eu, valia mais do que ela mesma. Aquela pelezinha no íntimo do meu sexo, a maneira como fosse rompida, determinava o destino de uma família inteira, ou de famílias. Ficar grávida sem ser casada então, tinha um destino certo. Acredite, esse destino passava necessariamente pela trilha da humilhação. Meus pais, numa situação

daquela, preferiam me ver morta. E foi o que fiz, de certa forma, morri. Preferi livrar a todos de qualquer desdouro e dei uma ladeada no destino certo vindo morar aqui na capital. Aqui tive nossa filha, trabalhei, estudei e até fiz algum patrimônio, acredita?

Em momento algum me senti culpada por nunca ter te procurado, sempre achei que você não tinha a obrigação de assumir nada, pois nada foi planejado, você não foi o responsável. Camila (esse é nome da nossa filha) sempre achava, até então, que o pai dela estava morto, assim como toda a minha família. E teriam permanecido assim mesmo se não fosse pelo que me aconteceu recentemente.

Pois bem, Sérgio, ontem foi confirmado, definitivamente, que tenho um tumor no cérebro e tenho pouco tempo de vida, e em termos de vida não sabemos o que é pouco tempo. Alguns meses, talvez. Até amanhã, não sei. E não seria justo ir-me sem que todos soubessem da verdade. Até este exato instante, Camila ainda não sabe de nada, nem da sua existência, nem da nossa história, nem da minha doença. Estou ainda com o meu decreto de morte (meus exames) em minhas mãos, e a primeira coisa que fiz foi escrever esta carta.

Quando estas palavras estiverem sob sua posse é porque eu já me fui, e ambos, você e sua filha, já estarão a par de tudo. Eu sei que você ainda existe, onde vive, com quem vive, como vive. Sei hoje o sufi-



ciente sobre você para ter certeza que um dia vocês se encontrarão. Hoje, por ironia do destino, moramos na mesma cidade. Agora, neste momento exato, você em cima dela e eu embaixo, mas moramos. E não se preocupe, ela terá ordens expressas em não cobrar nada de você, nem herança, nem amor. Ela estará orientada a não “alterar muito” (perdoe-me o sarcasmo, não sou eu, é a minha angústia quem fala) o rumo da sua rotina. Tudo será fácil entre vocês dois. E se sua vida anda meio sem graça, monótona, ótimo! Agora você tem uma história e tanto pra contar.

Tanto a Camila quanto você têm todo o direito de me odiar, mas sei que não irão, pois o sofrimento, a saudade e a morte possuem o poder de redimir todos os erros do passado, mesmo os mais graves. O perdão é irmão da piedade e da compaixão.

Não sei quem irá procurar quem primeiro, e daria meu último dia de existência para saber. Vou levar mais esse mistério da vida comigo. Espero que vocês se deem bem. Não é porque é minha filha não, mas a Camila é uma garota especial, você vai perceber logo o que digo.

Enfim, por fim mesmo, não tenho mais o que dizer, a não ser que, apesar da brevidade da minha existência, não vivi um só dia que me arrependesse do que fiz e do que não fiz.

Paz para todos.

*Joana*





# UM BEIJO NUNCA É UM BEIJO



Não é que aquele beijo me enganou? Todo beijo engana, todo beijo é falso. Há beijos que parecem nos levar ao céu. São os mais falsos, pois nunca atingimos o céu. As melhores e as piores coisas começam ou se resolvem com um beijo. A despedida, a traição, o beijo do “agora-pode-beijar-a-noiva” (como se o casal nunca tivesse se beijado antes), o amor...

Eu deveria ter desconfiado. Sophia chegou de viagem com cara de cansada e abatida, mas mesmo assim me tascou um beijo daqueles... Beijo úmido, suculento, cheio de vontade e paixão. Supunha. Nos abraçamos no saguão do aeroporto e logo peguei a sua mala, carreguei até o carro e partimos. Eu sorria e beijava o seu rosto sempre que podia. Ela sorria sem graça, parecia fadigada, até soltar:

– Melker, precisamos conversar.

– Claro. Vamos conversar muito. Teremos tempo.

– Não. É conversar sobre nós. Sobre nós dois.

Eu tenho pensado bastante...

Pensar é uma apunhalada no coração. Pensar é a desculpa da razão para não cumprir aquilo que não lhe compete: amar. Quem pensa, não ama. E quem ama, não pensa. Quando pensamos, é porque nossos sentimentos se tornaram reféns. Mas o que ela poderia querer me dizer? Vir de tão longe só para me dizer que não me ama mais? Isso é ridículo ou honesto? De qualquer maneira, seu tom de voz já confirmava que algo de ruim se anunciara por trás daquele beijo úmido e suculento.

– Melker... eu não te amo mais como antes.

– Como assim “mais como antes”? Você quer que eu pare o carro?

Amor é sempre no presente. Ou há amor ou não há mais amor. Não existe esse negócio de “mais como antes”. Amor não come migalhas.

– Não pare o carro... Eu sei... Acho que não te amo mais, é isso.

– Acha? Que papo é esse de “acha”? Você saiu do Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte só para me dizer isso?

– Sim. Me perdoa...

Eu estava tão zozzo que dirigia automaticamente. O caminho de casa se perfazia sozinho, a estrada dirigia o carro e o carro me dirigia.

– Você está brincando comigo? É algum tipo de zoação? Está filmando? Você veio de decisão tomada? Ou tomou essa decisão durante a viagem? Tomou agora? Pelas mensagens do celular você parecia normal.

– Melker, você vai ter que entender. Não é por causa de ninguém, sempre fui fiel a você. Você também não fez nada. Apenas acabou pra mim...

“Apenas”. Apenas! Quando alguém diz “apenas”, prepare-se para a devastação, aguarde os estragos.

– Foi o beijo, não foi?

– Beijo? Que beijo?

– O beijo que te dei há pouco quando você chegou...

– Não. Por que? E na verdade foi eu quem te beijou.

– Não, fui eu. Aliás, fomos os dois. Mas foi aquele beijo, não foi?

– O que tem aquele beijo?

– Deve ter sido a causa de tudo. O que ele significou para você?

– Significou...ora, significou um “oi”, “olá”, “como vai?”

– Não, isso é beijo russo. Aquele beijo deve ter significado o nosso fim.

– Não, Melker. Aquele beijo foi pura formalidade.

– Sua formalidade é bem úmida. E succulenta.

– Não entendi...

– Esquece...

Para a minha sorte, em meu apartamento há um quarto de hóspedes. Chegamos em casa e deixei a mala dela lá. Esta é uma questão moral e tanto, hospedar uma traidora, quando a vontade que tenho é de escoraçá-la daqui. Ela me disse que já estava com a passagem comprada para o dia seguinte ao meio-dia. Dei boa noite e disse que não precisávamos conversar mais nada.

No dia seguinte fui deixa-la novamente no aeroporto. Como um bom cavalheiro ainda retirei a sua bagagem do porta-malas. Beijo ou não beijo? Desejei apenas boa viagem e boa vida. Na dúvida, não beijei. Nunca se sabe.





# GORDO EM ALTA



Depois de tudo tentar, o governo brasileiro resolveu inovar. Já havia aumentado, progressivamente, o valor que um brasileiro poderia trazer em compras dos EUA de 100 para 500 dólares (por navio ou via terrestre esse valor é ainda menor), mas não havia jeito, tinha gente que viajava até com malas cheias de jornais velhos só para voltar com as mesmas cheias de quinquilharias. A solução foi bem inteligente, dou a mão à palmatória, a quantidade de produtos que se poderia trazer agora não seria mais calculada em dólares, e sim em quilos, e diretamente proporcional ao peso do turista. Ou seja, quanto mais pesado ele fosse, mais produtos ele poderia trazer.

As socialites ficaram em polvorosa, hiper, mega revoltadas. Logo agora que a última moda era uma tal de “barriga negativa”. Não se trata em ser magra, magérrima, escanzelada, é bem pior que isso, é a sua barriga ser tão fina que quase não se vê, ela é pra den-



tro. Falta o mínimo do que poderíamos identificar como uma barriga, por isso o “negativa”. Com uma barriga dessas mal se podia trazer um *smartphone*, um kit de shampoo ou maquiagem, se muito.

Mas para gente rica, pra cada ação há uma reação, e deixar de ir aos EUA comprar bugigangas é que não dava, seria como os maometanos deixarem de ir à Meca. A solução foi estreitarem os laços com os amigos gordos. Em muito pouco tempo, os amigos obesos estavam disputadíssimos. Só se via ricos andando com um amigo gordo pra cima e pra baixo, como se fossem verdadeiros *personal trainers* ao contrário. A *high society* agora fazia questão de pagar tudo, principalmente a conta do rodízio. “Pô Betão, você quase não comeu nada, está de dieta? A comida daqui não está do seu agrado?” E os coitados, que já eram imensos, foram se tornando cada vez mais espaçosos.

Não demorou muito para se iniciarem os vários convites dos “amigos” para os gordos irem conhecer os EUA. “Betão, o negócio é o seguinte. Quer conhecer os esteites? Eu banco tudo pra você. Passagens, sua alimentação, hotel, passeios, lanches, sua alimentação... Nos esteites há comidas deliciosas, sabia? Você vai adorar. Só tem uma coisa, você só poderá trazer, se muito, um relógio de lembrança de lá. Ou um par de tênis”.

Eles não questionavam, estavam no lucro. Então, só se via voos e mais voos abarrotados de obesos para

os EUA. As companhias aéreas, por sua vez, também já estavam ficando preocupadas, pois havia alguns que ocupavam duas poltronas, e as companhias não queriam cobrar duas passagens, temendo processos por discriminação. E olha que seriam muitos processos, pois não se tratava somente de gordos, mas de gordos acompanhados por gente rica, e nada como gente rica para conhecer seus direitos, rico sabe reivindicar. A propaganda negativa seria péssima, afinal, só gente rica usava aquelas companhias.

Nos EUA, os gordos sentiram-se bem à vontade, eram parecidíssimos com a população local, exceto pelo detalhe de que não dominavam o idioma, mas não se faziam de tímidos na hora de fazer seus pedidos nas dezenas de *fast foods* que conheceram. Houve gente que foi gordo e simplesmente voltou obeso, e os ricos enchiam os olhos, isso significava uns três *notebooks* a mais, caixas e mais caixas de perfumes a mais. Às vezes um gordo se perdia no meio daquele mundaréu de gente obesa, e só se via socialites brasileiras desesperadas. Houve até um caso de um sumiço de um gordo que teve de ser anunciado na TV local. Coitado. Por sorte todos foram achados, e as compras em Miami estavam garantidas.

A situação, cada vez mais, estava ficando fora de controle, e tão logo não havia mais gordo para todo mundo. Ficar gordo, nem pensar. A solução foi requisitar gordo onde fosse possível. Pedir gordo

emprestado, importar gordo, contrabandear gordo. Apareceu até uma empresa clandestina de aluguel de gordos, estavam faturando uma nota, e logo o mercado ilícito de gordo se estabeleceu. Alguns dos seus “funcionários” viajaram mais de cinco vezes em um ano para os EUA.

Certa feita, uma empregada doméstica, bem a par da realidade – como toda empregada doméstica –, e que não havia jeito de engordar (já era magra há três gerações), propositalmente deixou escapar pelo vão da cozinha uma conversa um pouco acalorada com a empregada da vizinha. “É Clotíode, é aquele meu primo mesmo, primo segundo, o Rubão, aquele que pesa mais de 160 quilos... Tá gordo só um boi nerole...” E a patroa, como um puma, veio correndo até a cozinha. “Maria, que primo é esse que você nunca nos apresentou? Conheço toda a sua família, e você é testemunha o quanto estimamos a todos. Por que essa discriminação com o primo? Só por que é primo de segundo grau? Primo é primo, é família, não importa o grau. Não, não vou permitir essa injustiça, traz ele aqui amanhã para a gente conhecer...”. Pronto, mais um gordo pros esteites.

Como era de se imaginar, tal farra dos gordos um dia viria a cabo, e todo fim é trágico. Os gordos tomaram consciência de sua importância no mercado e se emanciparam, não se conformaram mais em ter apenas as suas viagens bancadas, passaram a

cobrar diárias, ágio, impostos, taxas, seguros, o mercado de gordo estava em alta, estavam podendo. E todo ricoço é bobo, mas não é burro, e após um tempo, posto tudo na ponta do lápis, já não valia mais tanto a pena bancar todos os custos de uma viagem de um gordo para os EUA. Mas essa ainda não tinha sido a gota d'água. Temendo que aquela poderia ser a sua última viagem como gordo profissional, um rapaz, o Marcão, sentou ao Mcdonalds, em Orlando, e comeu até passar mal. Caiu duro no chão, morreu de tanto comer, e a única coisa que a socialite que o bancou levou para o Brasil foi um caixão bem pesado, o qual ela pagou por quilo também. Depois disso, o pânico tomou conta da *high society*, e ninguém mais arriscou-se a arrastar um gordo para Miami ou para qualquer outro lugar do mundo. Após o fato, os direitos humanos intervieram, e o critério de peso foi abolido. O governo brasileiro atuou e instaurou um novo critério, o de cor. E aí, branquelo, bora pros esteites?





# A LISTA



Todos os dias acordo e refaço a minha lista, a lista dos tipos que pretendo eliminar. Desejo liquidar um de cada espécie, porque exterminar todos é utopia, e nem tem graça. E todos os dias a lista cresce. Não executo por dinheiro, profissão ou prazer, faço por profunda e devota convicção pessoal. Noventa por cento das pessoas que falam em princípios não sabem de verdade o que é, mas eu sei. Princípios são tudo aquilo que você nunca abandona, bem ou mal. Claro que me questiono se sou um dito psicopata, mas sinceramente não me considero, me vejo como uma pessoa normal, normal pra lá da conta. Penso que um psicopata é alguém mau, talvez até bem menos do que o cinema gostaria. Já eu faço um bem, a mim mesmo e, quem sabe, a muitos outros. Mas só proscrevo os tipos que realmente me incomodam. Não sou assassino, sou matador de... alguns tipos. Princípios.

Pego um ônibus, depois um metrô. Tudo certo, nada à vista. Não sou tido à arroubos e improvisos, mas nunca se sabe.

Adentro ao prédio e aperto o botão para chamar o elevador. Um puto esbaforido vem e aperta em seguida, depois aperta nervosamente o mesmo botão umas oito vezes. Esses putos realmente acham que o elevador vai chegar mais rápido assim? Se comunicam com o mundo todo naquele troço de telefone e não conseguem ter um mínimo de raciocínio lógico. Entra pra lista? Gente que aperta o botão do elevador sem parar. Não, bobo demais, é só gente idiota. E gente idiota se fode por si só.

Talvez você espere de mim tipos óbvios, bicha, puta, ladrão, travesti... Nada disso. Não sou justiceiro nem moralista. Meus tipos são extremamente particulares, e a cada dia a lista cresce. Só desejo aniquilar um de cada tipo.

Desço do elevador e me dirijo ao consultório. Paro na porta e observo que havia uma fila, uma fila causada pela impossibilidade de entrar mais de três pessoas ao mesmo tempo. Pandemia. Um sujeito moreno de camisa branca de mangas compridas e gravata vermelha, e um livro debaixo do braço, olha a fila, para, e começa a gritar em nome do Senhor. Berra por uns cinco minutos e depois começa a entregar um bilhete a cada um da fila. Todo mundo recebe, de cara feia, mas seguram o papel. Acho incrível essa

tendência à conformidade das pessoas. Eu dispenso o bilhete e o senhor se afasta um pouco e me chama de infiel em voz alta, nem olho para ele. Eu era o último da fila, quando ele voltou recolhendo os bilhetes, e dinheiro, eu o seguro pelo braço esquerdo, olho em seus olhos e digo baixinho em seu ouvido: “ô cara, sabe o que mais odeio neste mundo? Picaretas. Se eu pudesse exterminava todos os picaretas do mundo, e não seria com palavras, acredite”. Exceto ele ninguém mais ouviu, possuo essa arte. O homem sentiu-se intimidado, notou a franqueza na minha voz e a crueza do meu olhar, tremeu-se todo e rapidinho pegou o restante dos bilhetes, disse “glória à Deus” em voz rouca e saiu depressa. Deu tempo de reparar em suas calças. Mijadas.

Dizem que o que faz o matador ser um matador é o seu olhar. Dizem que atravessa as pessoas. Realmente não tenho como saber, mas sei que quando o anseio vem eu olho diferente.

Chega a minha vez. Entro na sala, sento, e o doutor me pergunta onde está a requisição para o exame. Tiro a minha pistola *glock* .40 com silenciador de dentro do terno e dou três tiros: “está aqui, seu putó”. Dois tiros na cabeça e um no coração. Sou muito rápido e mira certa, anos de prática. Estilo é insistência. Ele nem teve tempo de falar, só arregalou os olhos e tentou levantar-se, não houve tempo. Essa arregalada dos olhos eu realmente gosto. Gosto mui-



to. Aliás, são meus verdadeiros troféus. Parece a alma saindo do corpo, e nem todo mundo tem esse privilégio, de ver uma alma saindo do corpo de alguém. A alma não sai pela boca, como alguns dizem, ou pelo cu. Sai pelos olhos.

Saio do prédio discretamente e me dirijo a uma barraca de coco no outro lado da avenida. Peço um coco gelado e fico olhando o movimento no prédio. Em cinco minutos, começa o alvoroço e a gritaria. Depois chega ambulância, polícia, repórteres, entra e sai do prédio. Confesso que isso também é bom de se ver. É uma obra em movimento. Tomo meu coco bem devagar, assistindo a tudo com meus óculos escuros, e meu bigode que nunca tiro. As pessoas confiam em homens de bigode, é involuntário. Bigode não se usa, se é. Aquele puto, que não usava bigode, nem barba, nem vergonha, já abusou de muitas mulheres. Em anos de profissão, já estuprou uma carra-da. Foi acusado, preso, solto, e depois ninguém liga mais. Mas eu ligo. Não sou justiceiro, mas esse tipo não merece ficar entre nós. Médico que abusa de mulheres, de crianças, de velhos, de qualquer um. A pessoa está doente e ainda é ultrajada. Não há cadeia que repare. Foi eliminado, e com a cara limpa.

Dou as costas ao prédio, me concentro no coco, a TV do barraqueiro me chama a atenção, TV pequena de tubo, azul, com aquela antena entreaberta. Não sei como ainda funciona. Só a arte de ser pobre

explica. O canal noticiava uma passeata que ocorreria no domingo. Todo mundo de amarelo pedindo ditadura. O povo, quando quer se fuder, não tem jeito, vai até o fim. Não há Hitler ou Mussolini sem um povo por trás e pela frente. Ninguém é enganado, é vontade de se fuder mesmo, compulsão em ir até o fundo do poço. Que posso fazer? Espero para ver se noticiam alguma coisa sobre o puto do médico que despachei. Nada. Deixo cinco conto debaixo do coco e saio caminhando devagar.

Pego meu caderninho, risco mais um da lista. Anoto outro. Gente que prega a palavra de Deus e pede dinheiro logo em seguida. Não roubo, não furto, não estupro, não engano, só encaminho ao buraco quem merece. Princípios. Odeio gente picareta.

Novamente o metrô, depois um ônibus. Todos os dias. A lista cresce.





## CARTA 2



**Leila,**

Meu amor. Sei que ao final desta missiva você dirá: e ainda teve a coragem de dizer “meu amor”?! Mas sim, meu amor. Amores são amores, seja lá onde eles se escondam.

Sempre gostei de quase tudo em você. Quase. O que não gostava, e ainda não gosto, na verdade não está em você, está fora: a sua família. Pensando bem, você não é nada, e sua família é tudo. Não, a sua família não é ruim, são todos pessoas de bem, legais, falo com sinceridade. Mas nunca entendi porque você tem que ir à casa dos seus pais cinco vezes por semana, só lembrando que a semana tem sete dias. Inclusive aos sábados, que tínhamos sempre que jantar lá, e aos domingos, que também tínhamos sempre que almoçar lá. Lembra quantas vezes te convidei para jantar no sábado à noite? “Ah, hoje não, a mamãe fez pernil. Ah, no próximo quem sabe, este

sábado a Estela vai trazer um salmão delicioso, quero aprender”.

Sempre, em nossas vidas, a sua família esteve em primeiro lugar. Nem você mesma estava em primeiro lugar, sempre eles. Imagina como me senti nesta colocação. No começo achava que era coisa de início de casamento, que você precisaria de um tempo para cortar esse cordão, que aos poucos você iria sair daquela casa e tomar a nossa como sua. Mas não, isso nunca aconteceu. Nunca fomos só nós dois; seus pais, irmãs, tios, primos, cunhados, sempre estiveram entre você e eu em nossa lacuna conjugal.

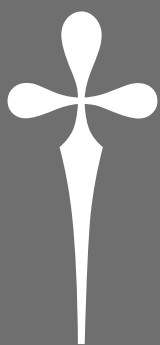
Tudo isso explica o mau humor pelo qual eu vinha passando. Enchi de tudo. Não estava suportando nem ouvir mais falar os nomes “mamãe”, “papai”, que tão sagrados são. Você nem notou que eu comecei a sair sozinho. Ir a bares sozinho, almoçar sozinho, jantar sozinho e ir ao cinema sozinho. Pois é, o cinema. Foi lá que conheci a Júlia. Depois de cinco filmes seguidos, não foi difícil notar que ela frequentava as mesmas preferências e as mesmas sessões que eu. As sessões das sextas, lembra? E tudo começou de forma muito espontânea. Um dia apenas disse na saída: “que demorado esse filme, em?” E pronto! Estamos juntos há oito meses.

Júlia foi a salvação da minha alegria naquele momento. Ela me fez recuperar o entusiasmo, o meu ânimo de viver, o tesão e, por que não dizer,

o amor. Ela é preocupantemente parecida comigo. Não, não tão parecida como você já foi um dia. Ela tem o mesmo gosto musical que eu e, incrivelmente, tem o mesmo gosto literário. Não, Leila, não estou te chamando de burra, você só não tinha tempo para ler. Como se pode ler com sua mãe, ou sua irmã, ou suas tias, ou suas primas, te ligando de quinze em quinze minutos? Eu te entendo. A Júlia tem tempo pra mim. Ela até saía mais cedo do trabalho para nos encontrarmos no parque e ficarmos até depois das dez da noite. Sim, eu estava em reunião mesmo, mas me reunindo à Júlia e me desligando de você. Você nunca se incomodou com nada disso, percebe? Ela sempre soube que eu sou, ou era, casado. Mulheres olham para os dedos dos homens até mesmo antes dos olhos, quando lhes convém. Mas eu mesmo falei sobre isso no dia do nosso primeiro beijo. Ela entendeu, e disse que se eu estava buscando um amor no cinema era porque não tinha em casa.

Acho que não preciso dizer mais nada. Acho que, mais que nunca, você vai ter assunto para conversar com a sua família por duas eternidades. Se é que algum dia faltou. Te amo.

***Antônio***





# LUTO DO INIMIGO



Meu arqui-inimigo morreu. Ou melhor, foi morto, e não por mim, mas por outros inimigos dele, pois em matéria de inimizade e ódio, ele era eficiente.

Todos os seus inimigos comemoraram, menos eu. Na verdade, tomei um baita susto quando me comunicaram, e mais assustado ainda fiquei quando me vi no banheiro de casa chorando a morte do desgraçado, como a gente chora a morte de alguém querido.

O mais óbvio de se pensar é que se trata de inveja. Feriram o meu orgulho, a minha vaidade, pois não bastava ele morrer, tinha que ser aniquilado por mim. Por alguns dias me conformei com essa explicação que dei a mim mesmo, mas logo vi que não bastava, simplesmente porque não era isso.

Que sentimento é esse que não se aplaca nem com a morte do ser mais odiado?



Quando ele estava vivo, parecia que meus planos faziam sentido, que meus dias faziam sentido, tudo fazia sentido. Difama-lo, denuncia-lo, ameaça-lo, gritar aos quatro cantos do mundo o quanto ele era o demônio. Era uma missão, adrenalina, dever moral. Às vezes eu era um pouco ele, mas nunca vi assim. Agora eu vejo.

Agora estou livre, pensei. Mas não é o que estou sentindo, sinto um vazio enorme. O que perdi? O que ganhei? Hoje percebo, na pratica, ódio é amor. Ao menos os sintomas são os mesmos. E só agora compreendi aquela velha frase do Nelson Rodrigues que diz que “só o inimigo não trai nunca”. Vá em paz, meu fiel inimigo.





# MAIS UMA ÓTIMA IDEIA



Acordei buliçoso, com uma ótima ideia para escrever. A vida de um escritor, profissional ou meia-boca, resume-se a isso, bons e maus dias para escrever, porque da vontade, nunca nos livramos. Acordei com uma ótima ideia, está tudo pronto e arrumado na minha cabeça, é só sentar e registrar. Mas infelizmente não posso parar para escrever agora, prometi à minha mulher, ontem, que a primeira coisa que faríamos hoje seria irmos às compras. Tal promessa vale o meu casamento, pois há duas semanas a inspiração me acorrenta os pés todas as vezes que estamos para sair, e sou daqueles que passo o dia inteiro escrevendo poucas páginas. As musas são monstros, iguais às sereias, não se enganem. Interessante, quando escrevi a palavra “musa” bateu-me a vontade de ver alguma, e após colocar no *google* apa-

receram várias mulheres seminuas e com cara de “pagando-bem-que-mal-tem”. Aprecio-as também, mas confesso que fiquei decepcionado. Se estas soprarem ao meu ouvido, sei não...

Antigamente a Marília (minha esposa) entendia essas coisas, afinal ela era apaixonada por mim e sabia que era isso que colocava comida em nossos pratos. Hoje ela ainda continua apaixonada por mim – como eu sei disso? Esse tipo de coisa apenas sabemos –, mas ela não compreende mais, acha que é capricho da minha parte (o que realmente pode ser, não nego), e acredita piamente que posso escrever a mesma coisa a qualquer momento que eu queira, não precisa ser no momento de ir às compras. Enfim, ela estava chateada o suficiente para pedir a nossa separação caso eu não cumprisse com a minha promessa.

Fomos ao supermercado, mas é claro que não fiquei em paz. Passava e repassava o texto em minha cabeça sem cessar, para não esquecer uma vírgula sequer. Sessão da limpeza, dos congelados, comida, palavras, palavras, falas... uma tortura. Uma hora e meia e eu fingia interesse em tudo aquilo frente à Marília. “Meu bem, não vai pegar a ‘musa’ de chocolate? Digo, o ‘mousse’ de chocolate...”

Finalmente a fila, imensa, mas nunca fiquei tão feliz em ver uma fila. Pois em geral odeio filas. Sei que é uma evolução humana, é democrática,

mas para mim a existência de filas está diretamente condicionada à incompetência de alguém, ou de algum setor. Se existem filas é porque existem falhas, ineficiências, incompetências... Ai! Me distraí novamente! Papel higiênico, papel toalha... servem para escrever? Olhei para a Marília, melhor não. Gente, barulho, filas, fileiras de gente, carinhos e pacotes. Finalmente a nossa vez. Uma senhora idosa nos atravanca e reivindica o lugar. Há caixas específicos, mas a nova lei diz que os idosos podem recorrer a qualquer posição a qualquer momento. Posso até passar o resto do dia aqui parado no mesmo lugar.

Agora, no fim das contas, é de fato a nossa vez. Jogo tudo na esteira rolante do caixa. A carne congelada cai em cima dos ovos, quebrando, visivelmente, uns três. Marília me encara, baixo o ritmo. Ajudo ao empacotador, como fiquei generoso. Enfim levamos tudo para o carro e pé na estrada.

Como um furacão, pego todas as sacolas do carro e coloco na cozinha. Minha pressa era digna de dor de barriga. “Marília, já cumpri o prometido. Agora é com você. Preciso fazer uma coisa”. Ela ri pelo canto da boca. O que significa um sorriso pelo canto da boca de uma mulher? La Gioconda que o diga. Melhor não pensar nisso...

Afinal sento, encaro o *notebook* e...

Sei que você esperou que a minha ideia tivesse

sumido, apagada, deletada de forma repentina. Não. Este seria um final piegas demais. Na verdade, eu sentei e escrevi. Escrevi tudinho exatamente como estava na minha cabeça.

E foi exatamente o que você acabou de ler. ☺





# MURMÚRIO



Muita gente acha que todo escritor é triste. Eu não sei. Muitos dizem que todo escritor é angustiado, vive em permanente crise existencial. Eu também não sei. Mas às vezes sinto isso tudo e muito mais. Escrever não é bem uma profissão. É abstruso isso, uma verdade indigesta. Criar, pela palavra, não é uma ocupação qualquer, por mais que isso possa te dar dinheiro ou até se viver disto, bem ou mal. Isso eu sei. Ontem não acordei bem, despertei-me com aquela sensação de derrota, de pesar, de desgosto sem morto, sem saber exatamente o que perdi. Peguei um café, fui na varanda, apreciei os prédios à minha vista. Que maravilha é a engenharia, como isso fica em pé? Quão admirável deve ser a estima de um engenheiro ou de um arquiteto qualquer, pensei. Eles saem às ruas, olham ao seu redor, e dizem para si mesmos: “eu que fiz!”, “Isso aí vai durar para além da minha vida”. É a produção do que se vê. E me peguei



murmurando: “o que eu fiz?”. Publiquei onze livros, escrevi incontáveis contos e crônicas para jornais, revistas, *blogs* e lugares que já nem sei mais. Fui até premiado duas vezes, prêmios dos grandes. Proferi palestras, participei de rodas de conversas, entrevistas, e ainda cooperei com essa nova modalidade fria chamada *live*. Mas tudo isso evade-se com o vento. É a produção do que não se vê, o nosso concreto é bem abstrato. Não, não se trata de orgulho, glória. É confuso. Não projeto navios, não construo navios, apenas escrevo: “navios”. Ele não existe, mas... também o faço existir. Todo escritor é platonista por ofício, mesmo que não o saiba, ou não aceite.

Invejo mesmo é aquele povo que prova comida chique, vinho, champanhe, café... *Sommelier*, algo assim. Possuem um paladar apurado. Ainda que por vezes igualmente me pego experimentado palavras. Não é paladar, nem propriamente audição, é outro sentido que não sei bem dizer. Algumas não batem bem, outras me parecem bem cansadas, algumas mudam o sentido, mudam tudo. Dar nomes aos nomes não é uma coisa fácil, é uma briga. Dar gênero ao que não têm gênero, ao que não existe. Cortar palavras, frases, uma preposição, as vezes é como nos talhar os dedos, nos arrancar as pregas vocais. Procuro, troco, e isso ocasionalmente me rouba um dia inteiro. Maluquice. Não sei como irão experimentar o que escrevo.

Escrever não é um parto, como muitos dizem, é um aborto, um abandono de incapaz. A escrita se faz de esquecimentos, omissões, ausências, descuidos, não de lembranças lúcidas. É preciso esquecer-se o que escreveu, se não, não se segue em frente, não vem outros.

Hoje em dia, todo mundo escreve o tempo inteiro. Negócios, bobagens, coisas da vida, mas escrevem. É tanta gente escrevendo sem parar que não sobram momentos nem para ler o que digitou, quanto mais para ler um livro. É uma concorrência desleal. A garotada, e os maiores igualmente, lêem tantas mensagens que dava pra devorar uma Odisseia por dia, e garanto que depois de ouvir Homero eles seriam pessoas bem melhores. Que posso fazer? Acho engraçado, e hoje mais ainda, quando alguém diz que “não tem tempo pra ler”, e penso que para isso essas bugigangas também se mostraram bem úteis, para provar que essa sempre foi uma boa desculpa.

Olho uma mensagem no celular, ouço o barulho dos carros e das motos pela janela. De fato, não faço nada, tão-somente crio mundos, almas e situações.





# A PALAVRA PERDIDA



O escritor um dia cismou que nunca havia criado nada de verdade, então queria criar uma palavra nova, não um neologismo, mas uma palavra nova mesmo. Queria ficar famoso por ela, ser reconhecido por ela, e ficar rico com ela. Academia brasileira de letras, quem sabe? Até perceber que criar uma palavra nova não era tarefa fácil, afinal, existem muitas, e mesmo as palavras mortas podem ainda estarem vivas em algum lugar. Tinha que ser uma palavra simples e complicada, ser palavra e expressão ao mesmo tempo. Tinha que dar prazer ao falar, como fofo, bobó, bubu, bobinho, mole, moleque, mãe, *soutien*. Tinha que cair na boca do povo, como “lugar de fala”, “narrativa”, “resiliência”, “politicamente correto”, “imersão”, “BBB”. Escreveu três palavras e começou a pesquisar em seus vinte e cinco dicionários

de línguas latinas, e as três pretensas novas palavras apareceram em ao menos um deles. Desistiu, por um tempo.

No dia seguinte, começou a escrever uma história, um romance, e um dos seus personagens, que andava sempre irritado, vivia xingando à toa. Sim, um xingamento: é a melhor forma das pessoas lembrarem de uma palavra, pois um xingamento é uma coisa que não tem sentido e ao mesmo tempo possui muito sentido. Diz nada querendo dizer tudo, e vice-versa. Sim, um xingamento! Pensou. Meu personagem deveria xingar com uma palavra nova, quem sabe assim não crio o meu Brás Cubas, ou o meu Bentinho, minha Capitu, meu João Grilo, meu Policarpo Quaresma, meu Macunaíma, ponderou, excitado. Meu personagem sai à rua, está muito quente, “Que calor do...”. Meu personagem tropeça, suja a roupa, “Que ...!”. Mas a palavra não vinha. Fumou um cigarro, bebeu um café, esparramou-se no sofá. Grandes ideias, e tudo parado por causa de uma única palavra, uma palavra que não existe, ainda. Aborreceu-se, foi para a cama dormir. O sono ia e vinha a cada segundo, sua cabeça parecia um quebra-cabeça, um jogo de palavras cruzadas em húngaro. Mergulhou profundamente no sono e acordou de supetão assustado, com aqueles espasmos musculares que nos desperta. Caiu da cama, e ainda sem saber se estava acordado ou se sonhava disse: Que

azilca! Sim, azilca! Despertou rapidamente e correu para o computador. Seu personagem fica preso no banheiro, chuta a porta, “mas que azilca!”. Briga na rua, fica preso no trânsito: “Que azilca!”; “Seu filho de um azilca!”. Como a palavra é minha, disse para si mesmo, ela terá o som que eu quiser. O “z” tem som de “s”, como nariz, rapaz, juiz, voz, estupidez. O “l” tem som de “l” mesmo, como no espanhol, dobrando a língua no céu da boca. Nunca entendi porque não podemos escrever mel como “meu”, é assim que falamos. Ou sinal como “sinau”, é assim que falamos. E sim, ao contrário “da libido”, é uma palavra que começa e termina com “a” mas é masculina, “o” azilca. Por que não? Pronuncia-se assim: “o açilka”. Não, não estou complicando, a língua portuguesa é que é intrincada e teimosa, estou seguindo seu padrão, pensou.

O escritor concentrou-se profundamente e, em quatro dias, concluiu seu romance. Enviou ao editor e após leitura o mesmo lhe disse que era uma história simples, nenhuma novidade, mas gostou do personagem que xingava um nome estranho, tinha personalidade. O romance foi lançado e, mesmo um ano após, era um fracasso total de vendas. Até que um escritor português, ganhador de prêmios Camões e Nobel, citou o seu livro numa entrevista. O romance foi esgotado em três dias, e cada reimpressão já chegava às livrarias vendido. O escritor foi indicado

ao prêmio Jabuti, não ganhou, mas ganhou o prêmio Cotia de literatura. Sim, ganhou algum dinheiro, nada demais, e a palavra “azilca” caiu mesmo no gosto popular, ainda que alguns a pronunciasse de forma diferente. Artistas famosos repetiam a expressão em programas de TV, nas novelas, em entrevistas, *youtubers* falavam a torto e a direito, virou bordão nacional. Quase todo mundo nas ruas remendava um azilca para qualquer situação. Azilca virou brinde nos bares, nos jantares em família, virou palavra para tirar fotografia, converteu-se em palavra de má e boa sorte, dependia de quem falava.

Mas não, o escritor não se tornou famoso. Da mesma forma como ninguém sabia o que aquela palavra significava, praticamente ninguém fazia ideia quem a havia criado. O escritor se pôs triste, cabisbaixo. Nunca o chamaram para uma entrevista se quer. “Perdi a minha palavra”, ele dizia. Certa vez até se arriscou, em um bar, a dizer que azilca era uma palavra sua, mas todos riram da sua cara. Ele mostrou o livro com seu nome, seu RG, e alguém disse, “claro, e eu criei o atchim!”. Mas sua desgraça completou-se quando o escritor começou a perceber produtos com o nome que ele havia criado. Sabão azilca. Café azilca. Biscoito azilca. Colchão azilca. Todos pronunciados de forma correta. O escritor procurou um advogado e tentou patentear o nome, perdeu feio nos tribunais, com a alegação de que não

se pode patentear uma palavra ou expressão, somente produtos e marcas. Mesmo explicando que ele é quem havia criado a palavra, o juiz declarou que agora ela pertencia à língua portuguesa, quiçá um termo mundial, como táxi e hotel.

O escritor trancafiou-se em casa, deprimido, não queria mais escrever romances, contos, nada. Até que um dia pegou-se criando palavras novas, compulsivamente, e anotava, e a cada dia mais e mais, até que criou um dicionário de palavras novas. Um calhamaço mais grosso que a bíblia sagrada. A esperança renovou-se. Enviou ao editor, mas ele não obteve interesse. Ele lançou mesmo assim, com recursos próprios, e levou pessoalmente a algumas livrarias. Poucos dias depois, enfartou. Muitos dos nomes que estavam em seu dicionário de palavras novas viraram marcas superfamosas e multibilionárias, mas somente alguns poucos outros escritores desconhecidos sabem disso. O escritor, até hoje, não sabemos o seu nome.







## CARTA 3



### **Querido pai,**

Sei que estranharás o “querido pai”, mas, como nunca, agora sei o que significa isso, ser querido, e ser um pai, no meu caso, mãe. Faz muitos anos que não nos vemos e não nos falamos, e sei que talvez isso nunca mais aconteça. Sinceramente, acho que nem mereço mesmo que o senhor me dê algum tipo de alô. Mas não é por mim que escrevo.

Há oito anos, o senhor foi embora para Portugal, e juro que desde o primeiro dia procurei saber do senhor. Só achei o teu contato há bem pouco tempo, e a minha ansiedade de falar com o senhor, de saber como estava, transformou-se rapidamente em medo, em angústia. Ninguém suporta várias rejeições seguidas. Hoje quem sabe disso sou eu.

Não vou falar aqui nada sobre mim, porque sei que o senhor não está nem um pouco interessado. Só gostaria de informar que o senhor é avô, de uma

linda menina chamada Sílvia. É, é em sua homenagem mesmo.

Mamãe hoje vive em estado de demência, não reconhece mais ninguém. Semana passada ele olhou para a tia Dulce, sua ex-cunhada, e começou a dizer que era ela mesma. Chamava a tia Dulce de Salete, ou seja, ela mesma. Isso é muito triste, e acho que é o pior estado que um ser humano pode chegar, esquecer até quem é si mesmo, e para mim isso foi a gota d'água. Passei a temer que isso possa ser genético, e que um dia eu também possa ficar assim. Caso aconteça, lembra-te que tens uma neta, e que se chama Sílvia.

Um grande abraço.

*Sua filha Balbina*





# A VIDA, ELA NÃO VOLTA



Um dia, estava tudo bem, tão bem como é a maioria dos inícios de relacionamentos, com suas paixões e expectativas, mas ele quis ter uma conversa estranha, falar sobre morte, assim, do nada. Eu disse que não via motivos para aquela conversa, ele disse que nunca há e sempre haverá motivos. Cresci ouvindo que falar em morte e em morto é, como dizemos aqui, “se agorar” (agourar). Ele riu e disse que eu deveria ver isso com mais naturalidade, talvez se angustiar aos poucos nos garanta angustiarmo-nos um pouco menos depois, e falar sobre a morte não significa, necessariamente, querer morrer. Eu, ingenuamente, disse que era a favor da vida, da alegria e da felicidade.

Vivemos oito anos juntos, e eu ainda continuo vivendo, mas ele não. Durante este tempo, ao menos

uma vez por ano, ele queria tocar neste assunto. Não creio que ele soubesse que partiria logo, acredito que isso tinha mais a ver com a sua personalidade, com o seu jeito de encarar a vida. Às vezes acho até que ele pensava mais em mim, no caso de eu ficar só, como agora.

Nunca saberei o que de fato ele quis me dizer, ou simplesmente conversar sobre, só sei que eu deveria tê-lo ouvido. Hoje me sinto perdida, amargando a falta dele, e sentindo a falta daquilo que eu nunca quis ouvir. Sinto a falta daquilo que faltou. Quando estamos abalados, nada parece fazer sentido, e ao mesmo tempo, qualquer coisa pode fazer o sentido despontar num instante, a salvação, a fuga. Uma palavra dele e eu poderia não estar exatamente assim. Eu deveria tê-lo ouvido.

Até no leito de morte, ele quis papear sobre a morte, mas, como sempre, pensou em mim, desistiu. As últimas palavras que ouvi da sua boca foram: “te amo, aproveite a vida, ela não volta”. Sorriu, e se foi. Eu deveria tê-lo ouvido.





# A ENTREVISTA



– Aquele filho da puta nunca deu as caras em lugar nenhum. Ninguém sabe como ele é. Se é branco, preto, esquelético, obeso, corno. Agora inventa de querer dar uma entrevista. Esses caras são malucos mesmo. Excêntricos. Tá pensando o que? Eu edito os livros dele há mais de vinte anos, e conto nos dedos as vezes que falei com ele pessoalmente. Falar, falar... Sabe o que é falar? Uma simples conversa? Nunca tivemos.

– Faz o que ele pediu, meu caro, não reclama. Ele te sustenta, não reclama.

– E ainda faz um monte de exigências. Tá pensando que é quem, o Roberto Carlos?

– Que exigências?

– Ele disse que a entrevista tem que ser para um jornal, nada de revistas. Nem para a *Time* ou *Newsweek* ele disse que daria uma entrevista. Fez questão de frisar. Ele disse que o repórter tem que



ser mulher. Tem que estar começando na profissão e não pode ser uma grande leitora dele, tipo crítica de literatura, essas coisas. Disse que nada de gravadores e fotos, tem que ser no lápis, e que a entrevista não vai passar de uma hora.

– Só isso?

– Ah, e que quer receber por ela, claro.

---

– Você já leu todos esses livros aí?

– Se eu disser que sim você vai me taxar de medido, e se eu disser que não, de me fazer de humilde. Digamos que li boa parte.

– É verdade que você não é de aparecer muito?

– Não.

– Não o que?

– Eu não gosto de aparecer. Nunca apareço em lugar nenhum.

– Por que?

– Por respeito ao meu leitor.

– Como assim?

– Acho que de mim só posso oferecer minhas palavras, nada mais. A mídia cria uma vida além de você. Aliás, vidas. Isso influencia a leitura.

– Você sabe que você é um *best-seller*, não é?

– Claro, eu recebo pelas vendas dos meus livros.

– Você só vive disso?

– Sim. E dá de sobra.

– Por que se tornou escritor?

– Porque sou um covarde. Todo escritor é um covarde. Alguns são gênios e covardes. Eu sou só covarde.

– Por que diz isso?

– Em vez de viver, eu escrevo. Em vez de ir a um bar e cantar uma mulher eu invento ela na minha cabeça e armo toda a conquista. Em vez de bravejar com o cara que furou a fila no banco, eu assassino ele no papel. No meu mundo eu sempre me dou bem. Ou seja, sou um covarde.

– Mas você não acha que cumpre um grande papel social?

– O único papel social que eu conheço são as notas de 50 e 100 reais.

– Mas muitas pessoas gostam de você.

– Não é de mim que elas gostam. Elas gostam das suas próprias fantasias reavivadas pela leitura das minhas palavras. Devem ser um bando de covardes também.

– O senhor é casado?

– Já fui. Três vezes.

– E no momento está só?

– Absolutamente.

– E por que está só?

– Porque ninguém me suporta. Todas as três separações foram os meus três maiores sucessos. Meus três prêmios literários. Até terminar um livro eu não como direito, não saio, não falo, não pago as contas,

não trepo, não vejo TV, não viajo, não dou boa noite. Nenhuma mulher suporta isso.

– Nem por amor?

– Nem por amor. Um escritor faz um bem a humanidade não casando. Alguns, só não faz mais se simplesmente não escrevesse.

– O senhor se considera ranzinza?

– Você me acha ranzinza?

– Não.

– Então...

– Você gosta de escrever?

– Não. Odeio. É um inferno. Esse povo, hoje em dia, viciado em *internet* sabe do que eu estou dizendo. É sempre a mesma coisa, nunca há nada de novidade de verdade, mas a pessoa não consegue deixar de olhar. Alguns não desconectam nunca, nem quando estão dormindo. É a mesma coisa, eu nunca paro de pensar em escrever.

– Muito obrigada, pela entrevista.

– Você já leu algum livro meu?

– Não, nunca. Nunca tinha ouvido falar no senhor.

– Muito bem. Obrigado.





## NOSSA PARTE DA ALIANÇA



- Juca. O que é isso no seu dedo?
- Como assim? Qual dedo você está se referindo?
- Ou você casou novamente usando a nossa aliança ou você ainda está usando a nossa aliança.
- “Nossa” aliança? Não, esta é a “minha” aliança. Que por sinal foi comprada na época com o “meu” dinheiro. Assim como a sua.
- Juca, isso não faz sentido. Estamos separados há mais de um ano, todo mundo sabe disso.
- E você acha que eu não sei disso?
- Então. Por que está com nossa aliança no dedo?
- Ora, eu já disse. Não se trata de “nossa” aliança. Se trata da “minha” aliança e do “meu” dedo.
- Mas qualquer pessoa que te ver de aliança vai

pensar que ainda estamos casados ou que reatamos.

– Ué, então qual o problema? Você mesma acabou de dizer que todo mundo sabe que estamos separados. Há mais de um ano.

– Juca. Ou você está sendo cínico ou está maluco, ou de sacanagem comigo!

– Não entendo a sua consternação. Quando estávamos casados você morria quando me via sem aliança.

– Isso, isso. Parece que você está recobrando a razão. “Quando” estávamos casados, Juca. “Quando”! Mas não estamos mais.

– A aliança é minha e o dedo é meu.

– Não acredito nisso!

– E se eu trocar de dedo?

– Juca, qualquer um sabe que aliança só serve no dedo anelar. Por isso que ele se chama “anelar”.

– Ele se chama “anelar” e não “aliançar”. Poderia ser um anel qualquer. E se eu colocar na outra mão?

– Aí vão achar que você está noivo. E como você não pode estar noivo de mim, irão achar que você está noivo de outra.

– E isso seria um problema?

– Juca, nos separamos há pouco mais de um ano. Se você já estivesse noivo agora, iriam pensar que você já estava com outra antes de nos separarmos, ou seja, que eu teria sido traída.

– Ah! Então é com isso que você está preocupada?

– Juca, pense nos nossos filhos... Olha, presta a atenção. Aliança é uma coisa que só faz sentido a dois, que une dois, por isso “aliança”. Lembra o que o padre disse? Não existe aliança de uma só pessoa.

– Você agora quer ser minha professora de etimologia, de semântica? Ou minha professora de moda? E que eu saiba, inimigos também fazem alianças. Casamento está mais para isso.

– Olha Juca, vou ser mais direta e mais clara. “Exijo” que você retire “essa” aliança! Porque “essa” aliança é símbolo do “nosso” casamento! Que por sinal, não existe mais!

– Lúcia. Você ainda mora no “nosso” apartamento, com os “nossos” filhos, e eu nunca exigi que você saísse dele ou que nunca mais visse nossos filhos. Já exigi?

– Juca... Isso é muuuuuuuiito diferente!

– Você quer um símbolo maior de um casamento do que o lar e os filhos de um casal?

– Ai, minha cabeça...

– Então quer dizer que se eu comprar outra aliança e passar a usar eu posso?

– Juca, que diferença faz? As pessoas não sabem “qual” é a nossa aliança. O que importa não é a aliança, o dedo, a mão, o que importa é o tempo.

– Como assim?

– Se alguém te ver de aliança “agora”, vai pensar que ainda estamos casados, ou que reatamos.

– Então daqui a quanto tempo eu já posso usar uma aliança qualquer sem que pensem isso?

– Juca, eu não sei. Há pessoas que sempre que te ver de aliança vai achar que estamos casados. Ou que reatamos.

– Então quer dizer que eu estou condenado a nunca mais usar aliança? A não ser que casemos novamente, ou reatemos?

– Olha, Juca, faz o seguinte. A desgraça da aliança é “sua”. A desgraça do dedo é “seu”. A desgraça da vida é “sua”. Faça o que bem entender!

– É o que estou tentando dizer desde o início desta conversa.

– Estou com dor de cabeça...

– E você, o que fez da nossa aliança... digo, “sua” aliança?

– Não é da sua conta!

– Haaaaaaa! Então quer dizer que a “minha” é da sua conta, mas...

– Juca...

– Que foi, Lúcia?

– Eu ainda te amo.

– Eu também te amo...







# NAQUELE DIA



Naquele dia, acordara como todos os dias. Tomou seu café da manhã, leu trechos do jornal e saiu para sua costumeira caminhada matinal. Como todos os dias.

Era idoso, 86 anos, ele bem sabia disso e todos bem sabiam disso. Mas a fatalidade nunca o preocupara, nem nos raros momentos em que ficara doente, nem quando presenciou e amargou a partida da sua esposa querida, de parentes, de amigos, até de um filho. Apesar dos seus sofrimentos profundos, nunca foi tocado pelo desejo de morte. Não se sentia eterno, como as vezes costumamos nos sentir, achar que a morte só chega para os outros, tinha plena consciência da sua condição, que um dia ela se apresentaria. Mas para ele a morte era somente uma lembrança de algo que nunca se viu, nunca se ouviu, ou, de alguma forma, nunca sentiu. Ignorava-a quase completamente.

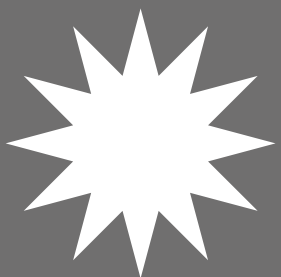
Naquele dia não houve lembranças de um passado remoto da sua vida, sua infância, adolescência, casamento, filhos, alegrias, tristezas. Não houve reminiscências. Toda a sua vida não passou aos seus olhos em um segundo. Pensava somente no dia, como estava lindo, o sol reluzindo na água do mar e ele ali presente a contemplar aquela imagem. Sentia a brisa a tocar o seu rosto enrugado, naquela sua caminhada matutina. Não ouviu vozes do além, nem conhecidos que já morreram vieram te chamar.

Naquele dia, almoçou e descansou como fazia sempre, desde que se aposentara. Não que estivesse cansado, mas a velhice cansa. De tudo que fizera na sua mocidade, noites perdidas, dias intensos de trabalho, preocupações consigo e com a família, com a vida. Cansa não fazer muita coisa, de não fazer tudo o que ser quer. E descansa e cansa, e cansa e descansa.

Naquele dia viu um pouco de TV, jogou dominó à tarde com seus velhos companheiros de partidas, que diminuía a cada ano, e após um bom papo o dia já se punha. Retornou à casa, tomou sua sopa, pôs o pijama e dormiu. Como todos os dias. A morte não o preocupava, não o sondava, não mandava recados, e se mandava não chegavam a ele. Gostava da vida, bem ou mal queria existir.

Porém, como nenhum outro dia, ela veio e o arrastou. Assim, de repente, dormiu, dormiu, e se foi. Dormiu e morreu, morreu e dormiu, para sempre.

Não se sabe por que, devido a que. Velhice? A quem diga que, no fundo, não se morre disso, mas de velhos problemas. Um infarto, um vírus, uma bactéria, uma disfunção orgânica qualquer, daquelas que fulminam indiscriminadamente, jovens ou velhos? Não se sabe, a morte tem muitos nomes, sobrenomes e alcunhas. O que se sabe é que não houve tempo para nada. Para o último suspiro, para a última visão, a última lembrança, o último pensamento. Mergulhou no sono, nos sonhos, e lá ficou, para sempre. Não teve a oportunidade de passar a vida em revista. Ela não avisou que já ia e a morte que já vinha. Ambas foram traiçoeiras, uma não se despediu, a outra não deu as boas-vindas, ou as más. Nem sofrer, sequer sofreu. Quisera ter agonizado, sentido dor, uma afliçãozinha, o último suspiro, o último fio de vida que atravessa o corpo, mas... Nada! Ela fulminou tudo, ceifou-lhe a existência em um só golpe. Não sabia que morrera, não sabia nada, e nunca saberá, nem da morte nem de nada, nem eu, nem você, nem ninguém mais. Pobre coitado! Pobre infeliz. Ou feliz.





# JUSSARA



Acordo, como em toda madrugada, no meio dela. Vou ao banheiro, mijo, evito o espelho, não lavo as mãos. Volto logo para a cama, deito. Respiro fundo. Faço menção em olhar as horas no relógio que está em cima da escrivaninha, mas não olho. Sempre o deixo ao contrário, de bunda cima. Que poético, a “bunda do relógio”, a “bunda do tempo”. Isso são horas para filosofia pornográfica? Desviro ou não? Sempre acho que olhar as horas na madrugada vai me tirar todo o sono. Que se fodam o relógio e o tempo, já perdi o sono mesmo. Não adianta mais. Três e trinta e sete, dormi quase nada. Vou fechar os olhos e pronto, dormir na marra. A quem estou querendo enganar? Deve ser a fome, maldita dieta. A fome até que dá para enganar, mas a insônia... O melhor a fazer é gastar o tempo, fazer algo útil. Dormir é bastante útil, quem me dera poder dormir no

trabalho.

Abro a cortina, a janela, ponho a cabeça pra fora: “o silêncio da noite...”, bem cafona, mas é verdade. De repente me vem uma lembrança junto à brisa, fato muito remoto. Às vezes acho que as lembranças são ventos, vem e vão, nos empurram e nos arrasam. Praticamente trinta anos atrás, nem me dei conta. Minha ex-namorada de São Paulo, a Jussara. Nossa, que loucura. Ela morava lá e eu aqui, e ainda ficamos dois anos nessa. Não existia *internet* e uma ligação interurbana custava os olhos da cara (ainda custa, inclusive). Dávamos notícias das saudades por cartas, escritas a mão mesmo. Que loucura! Mas paixão não rima com loucura?

Gostei mesmo da Jussara. Hoje, posso dizer que a amei. A idade e a solidão, quando não matam, consomem nosso orgulho. Sou um bom brasileiro, meio cristão e penitente sem querer, daqueles que expiam a culpa pela chibata, seja ela como for. Amei mesmo. Foi a minha primeira namorada de verdade, mesmo que só tenhamos nos visto pessoalmente umas cinco ou seis vezes em dois anos de namoro. A última vez foi terrível. Fui até São Paulo terminar um namoro. Como pode? Lembro-me da volta, no avião. O mundo girava para um lado, o aeroplano flutuava para outro, e eu, à trinta mil pés, me esbaldando a chorar. Nunca é fácil terminar um namoro. Nunca é fácil terminar qualquer coisa. Colocava um lenço no

nariz e simulava uma gripe ou coisa parecida. Nunca mais soube nada a seu respeito. Hoje em dia não seria difícil reencontrá-la em qualquer destas redes sociais. Mas deixa quieto, vou conservar mais essa no meu formol sentimental.

O que a Jussara tem a ver com a minha falta de sono? Teorias diriam que se trata de uma ideia latente, que precisava ganhar consciência, escoamento, liberdade, ter vida própria. Desde quando consciência é liberdade? Há teorias pra tudo neste mundo, até para a “bunda do tempo”.







## CARTA 4



### **Querida Darcilenny,**

Sei que esta é mais uma frase pronta, mas às vezes precisamos delas, pois como mesmo já se diz, está pronta. E a frase pronta em questão é: “melhor arrepender-se do que fez a arrepender-se do que não fez”. Sempre achei que isso dependia muito do que e de quem, e hoje sou eu em questão.

Do que me arrependi? Me arrependi de não ter manifestado meu sentimento a ele. Ele mesmo, o de sempre, o mesmo de quem te falei o ano inteiro, o Jacinto. Sei que te disse inúmeras vezes que ele tem namorada, e que parecia gostar muito dela, que não queria ser imoral, me meter no meio de uma relação, separar duas pessoas que se gostam por causa dos meus desejos, das minhas ilusões. Isso é problema meu e não deles. Mas deveria.

Ele sempre percebeu que eu o tratava de modo diferente e especial. Que meus olhos brilhavam com a presença dele, que eu ficava rouca, muda, e que

minhas mãos tremiam. Ah, como as vezes desejamos a sinceridade dos loucos, os atos dos loucos, dizer e fazer o que realmente se passa com a gente. Como daquela vez que ele me perguntou se poderia levar a namorada junto, para a festinha da turma da sala. Lembra? Eu disse, “claro, por que não? Ela vai adorar”. Mas na verdade eu queria ter dito, “claro, que não! Não percebes que quero você só pra mim?”

Agora o ano terminou, nem me declarei para ele e nem sei se vou vê-lo no ano que vem, ou nunca mais. Que droga de composturas! Amiga, é errado amar alguém já comprometido? O amor tem pudores? Passei um ano inteiro admirando-o, desejando-o, sonhando com ele, e ele ali, na minha frente, passando mais tempo comigo que com a namorada dele.

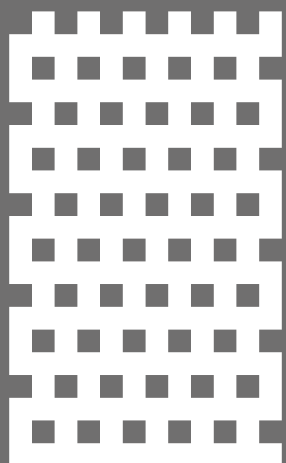
Será que preferi amar mais a um ideal do que a ele de verdade? Um ideal de homem com a cara do Jacinto? Será que preferi ficar nessa relação fantasiosa a cair na real? Acho que tenho essa tendência mesmo. Vá ver ele não é esse homem todo, assim, tão especial, tão importante... Mas como eu poderei saber?

Por isso, termino como comecei: poderia estar feliz agora, com ele; ou me arrependendo do que fiz. Mas deveria ter feito.

Desculpa-me por te encher com o meu desabafo. Espero que seja o último do ano sobre isso.

Boas férias e um grande beijo.

*Sua querida amiga Maísa*





## CONTO UM ROMANCE



Confesso a minha incapacidade em escrever um romance. Duzentas, quinhentas páginas, com os mesmos personagens, com começo, meio e fim, isso é coisa de gênio! O romance pode ser ruim, o pior do mundo, mas quem escreveu foi um gênio. Aliás, bom gosto e genialidade nem sempre andam juntos.

Juro que já tentei, mas nunca passei da vigésima página, a coisa não anda, a história trava. Fico enrolando várias páginas para dizer o que realmente quero dizer, afinal, é um romance, não pode ir direto ao ponto, tem que ter várias páginas, excesso de descrições, diálogos, é um clímax feminino. Uma hora meus personagens ficam mudos. Eu sei, eles são eu, mas eu sei conversar, desenvolver, quando quero, mas meus personagens nem sempre querem falar demasiadamente. Foi aí que descobri a minha salvação: o conto.

O romance, quase sempre, é uma confusão. Em algum momento, você se perde entre os personagens e até esquece quem está narrando a história. No conto não, está claro, o escritor é sempre o autor, ou o autor é o escritor, tanto faz. O conto é um romance resumido, direto, fechado, uma cena que resume a história toda, o resto fica por conta de quem lê. Acho o conto mais honesto, mais profundo, mas a razão principal é que não encaro escrever um romance mesmo. É incompetência, já disse. Descobri há um tempo desses que grandes romancistas foram também, e acima de tudo, grandes contistas: Eça de Queirós, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Edgar Allan Poe, e o meu predileto, Rubem Fonseca. Só não sei se uma coisa levou a outra e o que veio primeiro. Será o conto um treino?

Hoje em dia, ao menos no Brasil, o romance já não é mais sinônimo de “romance”, de amor, de romantismo, isso ficou mais para a novela. Novela sem beijo, amor e briga não é novela. O mais nobre dos nobres tem seu passado na plebe. Até mais ou menos o século XVIII, o latim, ou o latim clássico, era ainda a língua da comunicação erudita, das ciências, da teologia e das letras. Falar “romanicamente”, ou *romanice loqui*, até a Idade Média, era falar uma língua vulgar qualquer derivada do latim, dentre elas o francês e o nosso português. Somente a partir do

século XVIII é que o romance foi reconhecido como gênero literário e entrou para o *hall* da fama, substituindo o poema épico. O termo romance, assim, foi nos transmitido como obras literárias de cunho mais popular escritas nas línguas românicas.

O que de fato ocorreu foi a substituição das histórias de heróis, de batalhas e de guerras sem fim pelas histórias dos amantes fracassados. Ser herói é muito difícil, mas ser fracassado é quase natural. Todo amante é um fracassado mesmo, pois ele já entra perdendo algo. Ele troca a sua autoestima, sua razão, seu amor próprio, pelo amor ao outro, por um resto de alguém. O romance é a prova de que o amor venceu a guerra, ao menos na ficção. O fraco, mas apto a amar, venceu o impiedoso guerreiro. Amou, perdeu, sofreu e foi feliz, ou não, mas não importa. Pronto, resumi um romance, pois, como já disse, sou um incompetente para escrever um.







# UM MERO SORVETE



– Aninha, minha filha, para de tirar fotos do sorvete e toma logo isso que vai derreter rápido.

– Aninha, qual a graça disso? É apenas um sorvete, você já tomou centenas.

– Jú, para de mexer nesse telefone e toma o seu sorvete também.

– Não é um telefone? É o que então? Me parece um telefone. Não foi um telefone o que você me pediu no Natal?

– Aninha, esse sorvete é tão especial assim para você tirar fotos dele em vários ângulos? É de ouro por acaso? Toma logo isso.

– O que, postar onde? Jú, minha filha, por que todos os seus amigos têm que saber que você está agora tomando sorvete? Isso é tão importante assim? É apenas um sorvete.

– Divar?! O que é isso? Tem a ver “diva”, “deusa”?

– Não, minha filha, você não é uma diva, muito menos o sorvete.

– Aninha, se eu soubesse que você só queria tirar fotos do sorvete eu teria pedido a alguém de alguma mesa ao lado para você tirar fotos do sorvete dele e pronto. Não teria gastado dinheiro.

– Não Jú, você não vai tirar fotos da sua irmã tomando sorvete, você vai tomar o seu sorvete, e ela também.

– O que, tirar uma foto comigo tomando sorvete? Por quê? Não, eu só quero tomar o meu sorvete, e é o que vocês deveriam fazer também.

– Careta? Desatualizado? Só por que eu não tiro fotos de mim mesmo e do meu sorvete a cada cinco segundos?

– Aninha, pela última vez, toma esse sorvete. Aliás, nem sorvete é mais. Seu pistache com chocolate está parecendo agora um ouriço-do-mar.

– Para que você quer a chave do carro, Jú?

– Para pegar o bastão, que bastão?

– Bastão de *selfie*? O que é isso, pra que serve?

– Para tirar mais fotos? Não acredito! Não, não vou te dar a chave do carro, Jú. Eu quero é que vocês duas tomem logo isso aí que um dia já foi um sorvete que eu quero mais é ir embora agora.

– Uma foto de despedida? Não pode ser... Droga, meu sorvete também derreteu.

– É, vocês têm razão, não era um mero sorvete.





# A MORTE DA MORTE



O horror possui várias faces, e algumas delas podem ter formas bastante alegres, sorridentes, festivas, coloridas, solfejantes...

Semana passada minha filha de 19 anos contou-me que foi a um aniversário de uma menina morta, amiga de uma amiga dela. Não era uma homenagem póstuma, missa de sétimo dia, missa de mês, de ano, era um aniversário, festança mesmo. Ela me contou que a evento tinha tudo o que um aniversário normal tinha, e toda a família e todos os amigos da aniversariante estavam lá. Menos ela. Em compensação, o salão era rodeado de fotos da falecida, digo, da aniversariante. Cantaram parabéns diante de uma enorme torta sem velas, tiraram fotos, fizeram depoimentos, tudo como se ela estivesse ali. A minha filha disse que as únicas regras da festa, impostas pela mãe

da aniversariante, era não chorar e não falar a palavra “morte” ou correlativas. E de fato, narrou minha filha, ninguém chorava. A festa era só sorrisos, gargalhadas, aplausos, pinotes. E parece que aquele foi já o quinto ano seguido do aniversário.

Quando minha filha terminou de expor, francamente... fiquei sem palavras. Sem querer, como diziam os cétricos, coloquei a minha razão entre parênteses. Sinto-me mal em julgar, mas, como tudo o que é moderno, achei no mínimo estranho. Será possível que mataram a morte? Não posso esconder, de mim mesmo, que fiquei abismado, paralisado. E preocupado. Será que estou tão desatualizado assim? Peguei-me me imaginando na festa, todos batendo palmas e eu querendo chorar. O que eu teria feito? Deve ser um sinal de senilidade minha, ou caretice. Acho que quando o assunto é sofrimento eu ainda seja um tanto tradicional, antiquado.

Acho que sou daqueles que pensam que a morte não foi feita para dar lição de moral a ninguém, mas ainda assim é possível aprender com ela. Encarar o luto é aprender a morrer. A natureza não nos leva de vez, nos ensina a morrer. E igualmente como na arte de lecionar, nem todos aprendem, infelizmente. Morremos um pouco a cada dia. Clichê, mas é verdade. Morremos todas as vezes que morrem aqueles que um dia amamos, admiramos, odiamos, aqueles que nos inspiraram. Morremos quando nossos

bichos morrem, quando perdemos um livro, um brinco, um anel, um botão da camisa. Morremos quando abandonamos velhas ideias, velhas manias, velhas visões, velhas amizades. Por isso, há luto por qualquer coisa. O medo de esquecer já é esquecer, mas o luto não é esquecimento, é lembrar de uma outra forma, lembrar, quem sabe, puramente com a alma. E como uma cicatriz, – mais um chavão – não dói mais como a ferida de antes, mas não nos deixa esquecer da dor.

Minha filha nem conhecia a falecida, digo, a aniversariante, e depois da festa ficou uns dias mal, pensativa, com aquela estranheza encarnada no corpo por uma semana. Me perguntou se aquilo era normal, se aquela cerimônia era normal. Eu apenas disse: “minha filha, o absurdo as vezes é saudado com bastante aclamação e entusiasmo, mas não deixa de ser absurdo. Não julgo aquela mãe e nenhuma daquelas pessoas, mas não deixa de ser estranho pra mim, um desatino. Talvez seja somente a minha forma de ver as coisas, é duro te dizer, mas para mim a morte deve de ser chamada pelo seu nome, e o seu único conforto é o luto. Mais cedo ou mais tarde, ele cobra seu preço. Morremos todos os dias, um dia, apenas, desaparecemos. Não confundo inumação com animação. Podemos celebrar a vida e a morte, mas não misturo cerimônias de alegria como cerimônias de agonia. Não confundo velório com folia”.

Ж



# DEGRAUS ABAIXO DE MIM MESMO



De repente me deu vontade de ler um livro curto, um livro em que eu pudesse começar e acabar a história ali mesmo, de uma vez, como uma boa trepada, nada de promessas de felicidade para o futuro, nada de romances, um livro de contos, de crônicas talvez. Mirei bem a estante. Rubem Fonseca: *Feliz ano Novo*. Já o li uma vez, há muito tempo, mas sinceramente não lembro de o ter comprado. Eu consigo me lembrar das circunstâncias da compra de todos os meus livros e de todos os meus CDs. Onde comprei, quando, como, preço... Não, preço não. É uma velha mania, e como toda mania, não serve para nada. Mas é minha. Rubem Fonseca, meu doce assassino. Era o que estava procurando. Vários contos pequenos. Abri aleatoriamente, “74 DEGRAUS”. Na primeira página havia algumas palavras escritas



a lápis: “Violência como desvio de conduta para chegar à felicidade”. Por isso não lembrava em ter comprado este livro, de fato não o comprei; herdei da Juliana, sem ela saber, claro. Passei o dedo sobre aquelas letras, como se acariciasse a mão que escreveu. Aquelas letras possuíam cheiro, e não era o do velho livro. A Juliana era inteligente, sensível, linda e perspicaz. O que é possível fazer para se perder uma mulher como ela? Não lembro, não sei o que fiz, só sei que deve ter sido bem eficiente. Não tive mais vontade de ler. Suas palavras me serviram de oráculo: desvio, felicidade. Me senti um pouco tonto, sentei na poltrona. Caíram duas ou três lágrimas. A Juliana perdeu seu livro do Rubem Fonseca, perdeu 74 DEGRAUS, perdeu para sempre alguns rabiscos a lápis. E eu encontrei esta agonia, que não era para agora...





## CARTA 5



### **Querido Papai Noel:**

Na verdade, eu sei que você não existe. Eu sei disso já tem dois anos. Desconfiei por três motivos. O primeiro é que tem dois anos que minha mãe me levou para passear e entramos em três shoppings diferentes e você estava nos três. Como você poderia estar nos três ao mesmo tempo? Eu sabia que você tinha poderes mágicos, afinal de contas, quem poderia entregar tantos presentes numa noite só? Mas a questão é que um Papai Noel era baixinho, o outro era magrinho e o outro nem usava óculos. E todos tinham elásticos que seguravam as barbas. E a sua é de verdade.

O segundo motivo é que, se você existisse, você não seria tão injusto, o que não é bom. Afinal de contas, no ano retrasado eu me comportei muito mal e ganhei presente, no ano passado me comportei bem e passei de ano, e o meu presente foi muito

do fraquinho. E os meninos que moram na rua não ganham nada, por quê?

O terceiro motivo, e mais importante, é que esse ano ganhei uma bicicleta, igualzinha à da loja e igualzinha a que eu tinha dito para a minha mãe. Ela falou com você, foi?

Eu andei conversando com o meu amigo Filipe e ele disse que na verdade Papai Noel é Deus. Já o meu amigo Thiago disse que Papai Noel é o papai da gente. Até o Marcelinho disse que Papai Noel é o homem dos correios. Mas para mim não é nenhum desses. Papai Noel é a minha mãe, que foi quem me disse quem era você.

Mesmo não acreditando mais, não se preocupe, não vou contar a ninguém, e espero que ano que vem o meu presente esteja aqui.

*Vinicinbo (também chamado de Vinicius)*





# TIA NANÁ



Recebo uma ligação em plena madrugada, eram três e trinta e sete. A essa hora, nada de bom poderia vir pelo telefone. Avisaram-me que minha tia, a Tia Naná, morrera de repente em casa, e já preparavam o velório. Tomei um baita susto, claro, quase fui junto. Depois fiquei triste, sentido, porém, preocupado. É que Tia Nana, como toda Tia-naná, é, digo, era, a tia preferida de todos os sobrinhos e dos filhos dos sobrinhos dela, e logo lembrei que Luquinhas, meu filho único, de quatro anos. Era o xodó dela. Como vou explicar isso pra ele?!

É que a gente se prepara para tudo quando vai ter um filho: trocar fraldas, ouvir choros, perder noites, madrugadas, gastar uma grana preta, mas dar uma notícia dessa, não! Que dúvida infernal. Sou professor, estou acostumado a dar aulas sobre metafísica, falar em Descartes, Heidegger, Sartre, on-

tologia, o ser-no-mundo, o escambau, mas amarelei diante desta situação: dar satisfações existenciais ao meu filho de quatro anos.

Não poderia falar em Papai-do-céu, paraíso, anjo etc., pois entraria em contradição comigo mesmo. Que falta a religião nos faz numa hora dessas! Ah, deixarei isso para a mãe, isso é papel de mãe, e ela ao menos vai à missa uma vez por ano, pode sustentar umas histórias dessas. Mas já imagino o que ela irá dizer: “a tia é sua e não minha, te vira!”

Então me sentei e tentei lembrar-me como foi o meu primeiro contato com a morte, quem foi o primeiro, ou primeira, a morrer em minha vida. Quem ou o que, porque bicho também conta. Então deve ter sido assim, por dedução lógica: “sabe aqueles pintinhos coloridinhos, da feira, que você matou dois na semana passada, um afogado e o outro degolado de tanto segurar pelo pescoço pra cima e pra baixo?” Posso imaginar essas palavras saindo da boca da minha mãe. Mas hoje as crianças não vão mais às feiras, vão aos shoppings, e nos shoppings ninguém morre, é proibido. Animais, elas só conhecem pela TV, pelo celular. Será que desenho animado morre? Morre, mas vive de novo, e assim não vale.

Engraçado como toda essa situação me trouxe tantas lembranças de infância, como se a morte tivesse chaves para os velhos baús da memória, das impressões e dos sentimentos ora longínquos, fecha-

dos. Não me lembro se quando pequeno tinha medo de morrer, mas recordei que de uma certa idade em diante tinha medo que todos à minha volta sumissem: meus pais, meus irmãos, meus avós, meus tios, meus primos, meus amigos, e ficava muito mal com isso. Acho que é assim que surge o sentimento de culpa numa pessoa, matar todo mundo na imaginação e depois se arrepender. Muitas lágrimas minhas foram derramadas vinte ou trinta anos antes dos enterros reais. Acho que minha calma de hoje, diante de certas situações, que alguns julgam ser equilíbrio emocional, serenidade ou sabedoria, é na verdade a sobra das minhas dores gastas prematuramente na meninice.

Lembrei-me das últimas palavras do meu avô materno, em seu leito de morte de hospital: “a maior felicidade de um pai é morrer vendo todos os seus filhos vivos!” Lembrei-me como tudo vira sagrado quando pertence a um defunto, até seus defeitos. Lembrei-me que os jornais da TV tornam menores as nossas desgraças, e nos fazem crer que as tragédias no outro lado do mundo são cenas de um filme que não acaba nunca. Me toquei que um dia também me iria, e não era angustiante pensar nisso, já era a própria angustia. Evoquei para mim as palavras de um velho sábio chinês, de um filme antigo que vi, que diziam que na vida tudo é passageiro, até a vontade de viver. Tudo isso pensei madrugada adentro, sen-



tado no sofá da sala, mas nada me ajudava a resolver essa questão prática que era explicar a morte para uma criança. Ainda por cima, o dia já vinha aparecendo pela janela e alvejava meus olhos pregados de nostalgia, de sono e desespero.

Decidi finalmente não dizer nada, como um bom cético, mas Luquinhas era uma criança esperta e logo sentiria falta de sua tia predileta, e eu continuaria embaraçado de qualquer jeito. Não direi nada, simplesmente mostraria para ele, como um bom empirista, a Tia Naná dura e estendida no caixão. E se ele me perguntar porque a Tia Naná está dormindo em cima daquela caixa grande, eu lhe responderei que ela não está dormindo, puramente direi: “sabe aquele seu boneco que se mexe quando a gente puxa a cordinha? A Tia Naná perdeu a cordinha!” Não, chocante demais para uma criança. Então, como um bom idealista, vou dizer que seu corpo se vai, mas o espírito, seja lá o que for, fica; ou será o contrário?! Não, complicado demais para uma criança entender que um pode ser dois; ou será o contrário?! Devo levá-lo ao velório? Como diria? Luquinhas, vamos ver a Tia Naná? Ou diria, Luquinhas, vamos não ver a Tia Naná? Porque ali é ela, mas... não é.

Luquinhas acordou, me bateu um aperto. Vou simplesmente dizer: “meu filho, nossa querida Tia Naná morreu!”, e torcer para que por acaso ele já tenha assistido ao Rei Leão, Frankenweenie, Coco

(Viva: a vida é uma festa) ou Soul. Mas se ainda assim ele me indagar: “papai, o que é morrer?”, direi: “meu filhote, sabe aquele brinquedo que um dia você perdeu na praia? Você nunca mais o verá.” E não direi mais nada!





# COLÉGIO BRASIL



Período de eleição para diretor do colégio era uma festa. Há poucos anos, foi aberta a escolha democrática do diretor pela comunidade escolar. Professores, equipe técnica, alunos e representantes dos pais votavam. Antes não era assim, o nome do diretor era indicado de cima, e muitas vezes o diretor nem era do colégio. Todos estavam felizes com a conquista. Alguns diretores foram bons, outros excelentes, outros nem tanto, mas, desde então, todos tinham sido escolhidos pelo voto.

O último diretor, entretanto, pisou um pouco na bola, não fez, ele mesmo, nada de errado, mas foi conivente com muitos que fizeram, servidores e alunos. Isso os dividiu entre os que defendiam o diretor e os que eram contra. As discordâncias foram virando revolta, e depois ódio. De repente, da noite para o dia, o diretor era acusado de tudo o quanto é crime, de roubo a pedofilia.

Inesperadamente, se destaca um servidor, um professor, conhecido por ser engraçado, cativar os sorrisos alheios, mas mal dava aulas e nunca foi a uma reunião do colégio sequer. Todos sabiam disso. O professor, a cada dia, conquistava uma multidão de exaltados da escola com piadas, frases feitas, orações e apontando defeitos e erros, reais ou inventados, do diretor em exercício. Sua candidatura era eminente, porém nunca disse o que iria fazer para mudar os problemas, somente o que o outro supostamente fazia de mal. Nunca apresentou um plano de nada e para nada.

Deu-se a votação, o professor brincalhão ganhou. Não foi uma votação espetacular, mas ganhou. Em dois meses, assumiu o cargo. Em mais seis meses, a escola parecia um presídio em fuga, não existia ordem, administração, muito menos aulas, e tudo, segundo ele, era culpa do diretor anterior. Mais três meses depois e ele foi afastado do cargo pelo secretário de educação. A escola ficou sob intervenção, e um diretor que não pertencia aos quadros da escola fora indicado ao cargo.

Como se chamava mesmo o colégio? Colégio Brasil.





# MÁSCARA DO SONO



Admiro quem consegue dormir com barulhos, ou em ambientes extremamente iluminados, com fogos explodindo. Mas admiro mais ainda quem acorda disposto, plácido, saltitante. Eu sempre acordo destroçado, moído, cansado, como quem vem de uma batalha. Muitas vezes me deito até bem melhor do que quando acordo. Nunca encontrei explicação para isso. Já alterei, ao longo da minha vida, todos os fatores que acreditava influir no meu sono: já perdi peso, já troquei o colchão, posição de dormir, cor da parede do quarto, de companhia, e nada; tanto faz eu dormir duas ou dez horas de sono, sempre acordo do mesmo jeito. Talvez o problema não esteja no dormir, e sim no acordar.

Isso não significa que eu acorde de mau humor. Aliás, sinceramente penso que ninguém acorda de

mau humor. De bom humor sim, há pessoas que acordam sorrindo, cantarolando, falando pelos cotovelos, e geralmente é esse tipo de pessoa que acha que os que acordam calados acordaram de mau humor. Ninguém acorda de mau humor, a gente fica segundos após, somos provocados a ficar.

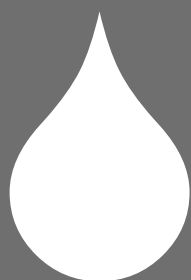
Já tentei lembrar o que sonho, se sonho que sou um atleta, um guerreiro, se estou sendo torturado, mas não consigo lembrar. E seja lá qual sonho for, tem que ser sempre o mesmo, ou a mesma temática, porque sempre acordei assim, desde criança. Na adolescência, a explicação era a própria adolescência, como geralmente ela é explicação e justificativa para tudo. A adolescência se autojustifica. Mas conheci pessoas que me relatavam exatamente o contrário, que acordavam de bem com a vida, mesmo sendo um(a) adolescente.

Não, não passo o dia com esse desconforto, todas essas sensações são realmente no momento em que acordo. Geralmente, depois do banho, já me sinto normal. Ou quando saio de casa, na ânsia de não parecer mal-humorado, saio distribuindo sorrisos para todos ao meu redor. De tanto fingir, me sinto normal. Não finjo que estou normal, realmente me sinto normal, adaptado. O fingimento é a única essência que o ser humano possui. Muitos já disseram isso. Personalidade vem do latim “persona”, que veio do etrusco “phersu”, e este, por sua vez, pegou em-



prestado do grego “prósopon”, e todos significam “máscara”. Ter personalidade é estar bem adequado à sua máscara.

Talvez seja a falta do peso da máscara o que me faz acordar tão dilacerado. No sonho não há máscaras, por isso os sonhos são tão estranhos. Lugares estranhos, pessoas estranhas, todos desmascarados. Passo o dia muito bem, com a máscara bem ajustada, somente no momento de acordar que ela deve estar um pouco frouxa. Mas no primeiro sorriso do dia ela se ajusta. Bom dia.





# EU, CANALHA!



Certo dia, um grande amigo meu, após ter tido conhecimento, contado por mim mesmo, das minhas últimas peripécias amorosas, lançou-me a intrépida pergunta:

– Você não se considera um canalha?

Claro que na verdade o que ele queria era afirmar, jogar na minha cara que de fato eu era um canalha, mas a amizade tem dessas coisas, transformamos afirmações em perguntas só para não entrar em disabor com o amigo.

– Olha, pra ser sincero, me acho sim – respondi – Sou um canalha, e me deu muito trabalho para conquistar este título privilegiado. Muitos anos de treino.

– Privilegiado? Por quê?

– Ora, por que, não percebe? A santa, a desvairada, a pudica, a moderninha, a moralista, e até as prostitutas, todas elas preferem os canalhas, caem de

amor pelos canalhas, suas fantasias são com os canalhas, seja ele como for. Pois só os canalhas prometem o que até elas sabem que são mentiras, canalhice mesmo, porém somente nós tornamos quase real aquele amor fingido, e todo amor é uma invenção.

– Isso é uma ode à canalhice ou apenas uma autodefesa?

– Todo canalha é elegante, sedutor, galante, charmoso. O que mais elas querem? Amor? Amor é uma palavra, caro amigo, que dizemos em seus ouvidos para levá-las para a cama.

– Será?! Você nunca amou?

– Claro que já amei, e não só uma vez. E falo de amor de verdade, em que tudo é diferente, em que o mundo muda de cor, em que a vida parece fazer sentido, ter lógica, é o amor, a lógica do amor, o sentido da vida passa a ser amar, simplesmente amar. É aquele sentimento que nos faz ver flores em campos de guerra, ouvir melodias de harpas em meio a uma salgadeira de tiros, sentir odor de rosas em um bueiro sujo. É ficar cego mesmo, meu amigo, é deixar todos os sentidos tomados pelo amor, e a razão operando com a lógica da paixão. Tudo faz sentido amando e só o tempo ou a desilusão pode mudar isso.

– É, você é mesmo um canalha, um canalha romântico, mas canalha. E o sexo, que me dizes?

– Sexo é bom sempre, ou quase sempre. Mas ando sentindo falta daquele descomprometimento

com o sexo, em que não importa o gozo, o prazer, a posição, ou a performance, só o toque, sentir o outro, por amor. Sinto falta de dizer no ouvido de uma mulher que a amo, bem baixinho, e ser verdade, com uma sinceridade forte que arreda do coração e explode pela boca, e não simplesmente uma artimanha infalível para fazê-la gozar mais rápido, e ela se arrepiar de amor, e não de tesão somente. Sinto falta de dormir junto e acordar junto, e não ter que sair de madrugada, fugindo dela, para não ter que olhar a cara da intimidade pela manhã.

– Meu caro amigo... Me ensina a ser canalha?





## CARTA 6



### **Coluna “Confissões de Amor”:**

Olá, meu nome é Maria Aldilina, alguns me chamam simplesmente de Aldí. Sempre que posso, acompanho a coluna de vocês e gosto muito. A leitura de alguns casos me encorajou a escrever o meu, como um desabafo, pois percebi que não sou a única pessoa no mundo que passa por situações inusitadas.

Em toda a minha vida, só tive dois namoros sérios, que juntos não passaram de três anos. Mas quando eu tinha 23 anos, conheci o Jorge. Foi uma paixão avassaladora. Namoramos com tudo nos conformes e quatro anos depois nos casamos. Naquela época eu me sentia a mulher mais feliz do mundo. O Jorge sempre fora atencioso, carinhoso, paciente, concedia às minhas vontades e com certeza me amava, era perfeito para mim. Ele tinha um bom emprego num banco privado e levávamos uma vida financeira boa, típica de classe média (na época): um carro

novo na garagem, uma boa casa de três cômodos num bairro tranquilo, diversão todos os fins de semana, uma ou duas viagens por ano nas férias, plano de saúde etc. Éramos realizados e felizes. Dois anos depois do nosso casamento, eu prestei concurso público para professora do município e fui aprovada, quase de imediato fui chamada. O Jorge não se importava que eu trabalhasse fora, achava até bom, o que não era muito comum entre os homens daquela época. Nossa vida financeira melhorou ainda mais, dividíamos as despesas e acumulamos um patrimônio razoável. Foi o auge da nossa vida a dois.

Dessa forma foi a nossa vida por bons sete anos. Impressionantemente durante esse tempo, nunca brigamos, nunca por razão alguma nos desentendemos, nem uma discussãozinha sequer. A ideia de termos filhos existia, mas era adiada a cada ano. Um ano porque não podia me ausentar do trabalho, no outro porque queríamos trocar de carro, no outro porque fomos aos EUA e assim por diante. A verdade é que nunca tivemos tempo. Só que aos 33 anos senti o instinto materno falar mais alto que tudo e decidi que naquele ano teríamos um filho.

Foi exatamente quando tudo começou a desabar na minha vida. Naquele ano, de repente, Jorge começou a mudar de comportamento com relação a mim. Ele se tornava cada vez mais desatencioso, cada vez mais frio, cada vez mais “frígido”. Nossas relações



amorosas, que admiravelmente eram quase diárias, tornavam-se cada vez mais espaçadas, cada vez mais sem desejo, até cairmos na quase inércia sexual e afetiva. Ele dizia sempre que eram preocupações no trabalho, um momento particular ruim e tudo o mais.

Um dia, porém, ele me traiu. E eu descobri. Não foi difícil, ele não fez muito esforço em ocultar. Ele estava de caso com uma colega de trabalho, uma garota um pouco mais nova que eu. Obviamente entrei em pânico, desesperei-me, senti-me humilhada, jogada no lixo, trocada como uma peça de carro velha e desgastada. Naquele dia, brigamos feio e sem pensar muito disse no ato que queria separar-me dele, pois me conhecia o suficiente para saber que nunca o perdoaria e, ainda que o perdoasse, nunca nossa relação voltaria ao normal.

O mais curioso de toda nossa história vem neste momento. Geralmente, nestes casos, um dos cônjuges abandona a casa (quando não é expulso) e depois separam-se no papel. Mas eu nunca voltaria para a casa da minha mãe, e não tinha para onde ir. Eu não exigi que ele deixasse a casa, e ele por si só também não saiu, talvez acreditando que com o tempo tudo se normalizaria, apenas mudou-se para o quarto de hóspedes.

Acontece que o tempo foi passando, não nos falávamos, não trocávamos nem sequer um olhar, mal nos víamos. Nossa comunicação, quando muito necessário, limitava-se a bilhetes deixados em cima da mesa.

Continuávamos a dividir as despesas e nenhum dos dois dava o pontapé inicial para uma separação formal.

Incrivelmente, esta situação se estendeu por longos dois anos. As vezes dava a impressão que eu era a dona da casa e ele morava de favor, era um hóspede indesejável. Durante aquele período, ele ficou desempregado, o banco onde ele trabalhava faliu, mas quatro meses depois ele arranjava outro trabalho, num escritório de contabilidade de um velho amigo dele. Claro que sua renda caiu muito, pois lá ele não ganhava um quinto do que ganhava no banco, e eu assumi a parte maior das despesas. Depois disso ele se descuidou totalmente da aparência, vestia roupas bem gastas, raramente fazia a barba, a barriga cresceu muito, e a cada dia meu desprezo por ele aumentava. Minha indiferença para com ele era visível. Sentia-me superior e, sem pudor em assumir, sentia-me vingada e feliz por vê-lo assim. Certamente ele não devia usufruir mais da presença da sua namoradinha do trabalho.

É claro que sofri bastante por um tempo, por um ano talvez. Todavia, um dia conheci um rapaz interessante e bonito, numa das minhas saídas noturnas com amigas, coincidentemente também mais novo que eu, quatro anos de diferença. Começamos um relacionamento, e soube que naquele mesmo período o Jorge também estava de namorico com uma outra garota, que, modéstia à parte, não chegava aos meus pés, em nada.

Certo dia, era um domingo, eu estava deitada em minha cama, quase dormindo, quando percebi que alguém entrou no meu quarto e fora direto para o banheiro. Fiquei inerte, mas sabia que se tratava do Jorge. Muitos anos de convivência nos ensinam a reconhecer até a quem pertence a sombra. O fato é que ele tomou banho, tranquilo, como se fôssemos casados ainda, e em seguida deitou-se ao meu lado. Eu estava deitada de lado e de costas para ele, e pude sentir um carregado odor de álcool aproximar-se de mim. Não prestei qualquer tipo de reação, e ele começou a me acariciar devagar, a beijar meu pescoço. Eu continuei imóvel, fingindo dormir profundamente, apesar de ele saber muito bem que eu tinha sono leve. Até que ele levantou meu *babydoll*, retirou minha calcinha e me usou daquele jeito, quietinha, de costas para ele. Não foi difícil para ele, pois, apesar de todo receio, eu estava bem excitada. E assim ele continuou, de lado, calado... Gozou, vestiu-se e foi embora. Nem o trabalho de me vestir ele se prestou.

No dia seguinte, antes de sair para o trabalho, Jorge sorriu para mim, disse bom dia e saiu. Fiz uma cara de surpresa, como realmente estava, mas não respondi. Daquele dia em diante, nossos namorados passaram a frequentar nossa casa. Eu não sentia um pinga de ciúmes e quanto a ele eu não sei. Acreditavam que éramos simplesmente primos, que dividiam o espaço e as despesas. Da parte dele não posso

afirmar com certeza, mas nunca se passou pela cabeça do meu namorado que éramos ou fomos casados.

Certo dia, foi a minha vez de cometer o incompreensível. Tomada por um tesão incontrolável, bebi dois longos goles de vinho, fui ao quarto do Jorge e fizemos sexo. Sem uma palavra, sem uma troca de olhares, sem explicação. Só sussurros e gemidos cortaram o silêncio do quarto naquela noite. Só o larguei quando me satisfiz, e não dissemos nada. Depois daquele dia, isso se tornou frequente. Uma vez por semana, sem dia definido, um vai ao quarto do outro e acontece. Uma semana ele, outra eu, como um jogo combinado, mas que nunca foi planejado. Isso acontece até hoje.

No mais, meu caso é esse. Tenho plena certeza que não o amo mais. Não se passa nem de longe por minha cabeça a ideia de um dia reatarmos, ou de mantermos qualquer outro tipo de relação que não seja essa. Não me sinto motivada a pedir a separação, mas sei que esta situação ridícula um dia tem que ter um fim. Já tentei por tudo entender porque isso acontece, e acho até que já esgotei toda a minha capacidade de compreensão. Sinto-me presa por algo que não sei o que é, mas sei que no fundo me faz mal. Ou não. Gostaria de saber se há uma explicação e o que eu deveria fazer. Conto com vocês. Obrigada.

***Maria Aldilina***





# O VIGILANTE



Tem coisa que muda a vida da gente pra sempri, não adianta. Você pode até não cumpri, mas só de lembrá que um dia imaginou aquilo, você já se senti outra coisa.

Eu sou vigilante de banco, trabalho pra uma empresa de segurança. Claro que não ganho bem, nem preciso dizê. Quando dá, faço bico de segurança particulá em otros canto. Quando a coisa aperta acabo fazendo bico de qualqué coisa, menos de coisa errada. E a coisa sempri aperta.

A gente trabalha com o cu na mão, porque quando as quadrilha resolvi aparecê sempri sobra pra nós. Sempri fui obsevadô, meu trampo cobra isso. Fico ligado, isperto, é tenso. Com o tempo a gente relaxa, mas não podemo marcá bobêra, no meu trampo não ixiste segunda chance. Sem querê passei a manjá uma sinhora que vinha aonde eu trabalho. Ela aparecia pelo ao menos umas duas vez pur mês. Manjei até

o perfume dela, xêro bom, xêro de perfume caro. Ela chegava e se trancava com o gerente, não pegava senha nem nada. Essa coroa devi de sê rica, pensei na boa. Na certa vem trazê muito dinhêro, ou vem buscá muito dinhêro. O que não intendia era porque ela não mandava outra pessoa. Desconfiança de rico, sei lá, mas de certeza que ela divia de carregá bufunfa alta alí.

Um dia, quando larguei o plantão, dei de cara com a velha no estacionamento, sozinha, abrindo a porta do carro. Pensei na óra, essa coroa é muito sem noção, sozinha nesse estacionamento com grana dano sopa. Fui pra casa e não parava de pensá na velha. Como era fácil tomá aquela grana. Bastava puxá aquela bôsa e tacá um murro na boca, pra não dá tempo nem dela gritá. Fui pra casa com isso na cabeça, e meia óra depois me senti muito mal matutano essas coisa. Não conseguia pensá em outra coisa. Será que todo mundo é bandido e não sabe? Comecei a bolá tudo sobre a velha. Ela devi de sê sozinha no mundo, nem marido, nem filho, nem sobrinho, porque nunca levô ninguém com ela no banco. Acho que é comerciante, dona de cartório, bichêra, cafetona, juntava grana e levava no banco de quinze em quinze dia. Se não, ela na verdade ia buscá grana pra pagá os funcionário dela de quinze em quinze dia. Pra mim seria melhó quela fosse buscá dinhêro, e não levá. Na verdade, tanto faz, ela é uma vacilona levâno ou trazêno. Mas que desgraça de ideia é essa...

Fiquei uns dia azuado, uma óra sentia ódio do mundo e quereno descontá naquela velha chique. Outra óra lembrava queu não era uma pessoa nojenta, nunca fiz mal a ninguém. Nem os vagabundo eu esculachava quando merecia, sempri fui um pega-leve. Mas devi sê mó grana, ia me dá mó fôga na vida... Comprá uma televisão de LED grande, picanha, uiski... Mandá o trampo se fudê um ano. Mas a sinhora não tem nada a vê. A velha é bem de vida, e eu um fudido que ando de rabo sujo. Já sei, é só tomá a grana, na surdina, sem porrada, sem violência. Só no susto mermo. Quando ela vê minha Taurus 838, vai ficá muda de susto e não vai dá nem um piu, aí não vai tê nem tapa na cara. Vai sê moleza.

Fiquei quase um mês nessa neurose, asvez evitava até me olhá no ispelho, com medo de vê a cara dum bandido filho da puta que nunca fui. Isqueça isso, caralho.

Mais dois mês e não pude deixá de vê que a velha veio dia 15 e dia 30, certinho. E sempri quase no fim do expediente. Olhei a minha iscala, próximo dia 15 tô de fôga.

Comprei uma balaclava e peguei a moto de um amigo emprestado. Coloquei uma calça jins, uma camiseta e um casaco de náilon bem fogado, nada de luva. Coloquei a balaclava e o capacete purcima. Na dúvida tirei as bala da minha Taurus 838, não quero istorá a coroa. Coloquei purdento do casaco.



Na dúvida deixei o celulé em casa. Fui pra isquina do banco, perto da óra de fechá. Tocí pra que a coroa não tivesse ido naquele dia. Eu tremia, tremia tanto que quase caí da moto. Fiquei parado na isquina, sem tirá o capacete, meu célebro fritando. Achei que todo mundo tava olhando pra mim. Subi na moto pra irembora, maluquice da porra, foi quando vi a velha saindo do banco e tomano o rumo do carro. Segurava bem a bôsa, achei que tava atolada de grana. Fiquei paralisado, mas quando ela entrô no istacionado me bateu um ódio, senti o suó ficá frio. Acelerei a moto. Entrei, incostei na velha, nem falei, fui logo puxano a bôsa. A desgraçada reagiu, segurô a bôsa cás duas mão e me impurrou pra frente. Me disilibrei e caí junto cá moto. A velha começô a gritá e correu na direção da saída. Me levantei feito Homi-Aranha e tirei a Taurus do casaco. Corri a tempo e taquei o ferro na cabeça dela até ela caí e sotá a bôsa. Virei o revolvi na mão e dei umas oito cassetada na cabeça dela. Catei a bôsa e corri pra moto. Coloquei a incomenda dento do casaco junto cá pistola e pusorte a moto pegou ligeirinho. Iscapei logo.

Pensei em vuá na moto, mais corrê é pió, dá muito na cara. Fui pra casa, larguei a bôsa e o ferro na mesa e tirei a rôpa, fui direto tomá um banho. Ainda de tualha olhei pra bôsa e tive um medão de abrí. E se aquela senhora invez de pegá dinhêro tivesse deixando dinhêro no banco, e não tivesse um puto naquela

bôsa chique? Sentei no sofá velho de tualha, tremia pra caralho, mas agora não tinha mais jeito. Peguei a bôsa divagá e lembrei da coroa. Parecia que a minha raiva do mundo foi descontada naquela velha. Todo mundo tem raiva do mundo, até aquela velha tem raiva do mundo. Finalmente abri a bôsa, vi um pacote marrom e grosso, fiquei aliviado, parece que valeu a pena. Meti a mão no pacote e não tinha dinhêro porra nenhuma, tinha dois saquinho de pó.

De manhã logo cedo eu estava no trampo, tava um climão neurótico, todo mundo com cara de bicho. Um colega de plantão começô a falá comigo como se eu já sobesse de tudo. Só no meio do papo que intendi que a senhora tinha impacotado. “Estava com a cara toda arregaçada, o coco afundado. Uma poça de sangue sinistra...”. Me bateu um frio na ispinha e saí de fininho pro banheiro. Vomitei e caguei ao mermo tempo. Não conseguia pará de tremê. Lavei o rosto e me olhei no ispelho. Força monstro! Força capitão!

O gerente mandô me chamá, senti o suó ficá frio. Ele só me falô pra redobrá os cuidado com a segurança, ficá de olho nos tipo suspeito. Eu olhava no olho dele e sentia aquele ódio do mundo de novo. Ou ele comprava ou vendia pra velha, de toda maneira estava atolado até o pescoço, e o bandido infeliz ainda era eu. Ele me avisô que a polícia poderia me interrogá, se puracaso eu não tinha visto alguma coisa suspeita. Mandô eu ficá isperto.

Quando saí do plantão, fiz uma ligação anônima. Dois dias depois prenderam o gerente, lá na agência mermo, na frente de todo mundo, e mais um saquinho de pó que acharam nos armário dele. Nunca fui interrogado nem porra nenhuma. Mas tem coisa que marca a gente pra sempri, não adianta.





# A MORTE NOSSA DE CADA DIA



Acabo de retornar de um velório, não de um parente ou de um “grande amigo” meu que se foi, mas de um “conhecido de infância”. Causa da morte: infarto fulminante!

Não, não se tratava de um senhor de setenta e três anos, nem sessenta e cinco, nem cinquenta e sete. Ele não era obeso, nem hipertenso, nem diabético, seu colesterol era normal, não tinha câncer, não fumava, não usava e abusava de drogas, praticava esportes, e não tinha, até então, nenhum problema cardíaco. Trata-se de um jovem de “28 anos”, saudável, trabalhador, de hábitos simples e, aparentemente, normal. Estava sentado no sofá, assistindo ao Jornal Nacional e simplesmente caiu duro no chão. Morreu instantaneamente sem dizer um único “ai”.

Se a morte é algo naturalmente inevitável, diante de um fato como esse parece mais inevitável ainda. Vivemos achando que a morte nos espreita, nos persegue, que a cada ente querido ou pessoa próxima que ela leva é como se soprasse nos nossos ouvidos, ou sua foice nos passasse de raspão. Não. Acredito que ela é inseparável da gente, tão real quanto a vida, apenas a negamos. Carregamos a morte a tiracolo, cada um a sua, mas fazemos questão de esquecermos disso. A pressa da vida cotidiana, junto ao nosso quase inato medo da morte, nos impede, quase sempre, de refletir sobre ela. Claro, pensar na morte causa infelicidade, e pessoas infelizes não consomem, não produzem, ou não muito. Pensar na morte o tempo todo é muito angustiante, quase loucura. Mas negá-la sempre também é ingenuidade por demais.

A morte não é vingativa, nem justiceira, pois se assim fosse ela não chegaria nunca para alguns poucos (de tão bons) e apressaria seu trabalho para com outros, muitos outros (de tão maus). Se a morte fosse parâmetro de castigo, realmente sobraria pouca gente. “A se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem escapará do açoite?”, já disse Shakespeare, em seu Hamlet. A morte é o que é, ela é do jeito que somos, principalmente quando não mais formos. Quando saímos da vida, deixamos a morte, mas no fundo ela sempre esteve presente.

Ter uma vida arriscada, desregrada, é obviamen-

te chamá-la mais para perto, é viver face a face com ela mais do que o necessário. Entretanto, quando nos inteiramos de fatos como esse do meu “conhecido de infância”, todo instante, mais que nunca, parece o último: o último beijo, a última refeição, o último Jornal Nacional.





A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



**editoraifrn**



## Geraldo Freire

É professor de Filosofia do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/*Campus* Avançado Lajes, membro do Núcleo de Arte Itaretama no IFRN-*Campus* Avançado Lajes. É também psicanalista membro do Instituto Freudiano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (Aracaju/SE) desde 2005. É autor do livro “Kant e Adorno: da Autonomia à Emancipação, da Aukflägung à Auschwitz” (2019). É estreante nas letras.

Pertencemos à era do sujeito “dis-traído”, perturbados e entregues. Neste livro de contos reúno prosas que escrevi não sei onde e quando. Algumas pertenciam ainda ao reino do papel, rabiscadas num canto qualquer, outras surgiram já no conforto dactilar de um computador, e muitas foram escritas no bloco de notas do celular. Algumas foram escritas na pressa criativa pelo medo do esquecimento, outras na calma de uma sala de espera de um consultório médico qualquer. Algumas foram agora, outras, agora também. Algumas mostrei aos amigos, pelo email, whatsapp, facebook, nunca foram, por assim dizer, publicadas, mas, no fundo, muitas foram, me deu mais trabalhoso reuni-las que criá-las. Alguns desses escritos se aproximaram da realidade, a maioria, contudo, passou bem longe. A única coisa em comum entre os textos desta obra é o autor, as narrações não conversam entre si. Ou conversam? Quando escrevo só tenho duas preocupações, ou tentar fazer rir ou tentar fazer chorar. Espero que riam, e chorem, e leiam em qualquer lá-quando.

